



Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de História
Curso de Mestrado em História

**O jogo da nação: o futebol e a construção da unidade nacional em
Moçambique, 1975-2019**

Mauro Armando Adelino Manhangele

Maputo, Janeiro de 2022

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Departamento de História

**O jogo da nação: o futebol e a construção da unidade nacional em
Moçambique, 1975-2019**

Mauro Armando Adelino Manhangele

Sob a orientação do Prof. Doutor Marlino Eugénio Mubai

Dissertação submetida à Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Mestre em História.

Maputo, Janeiro de 2022

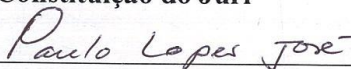
Mauro Armando Adelino Manhanguete

**O jogo da nação: o futebol e a construção da unidade nacional em
Moçambique, 1975-2019**

Dissertação submetida à Universidade Eduardo
Mondlane em cumprimento parcial dos requisitos
exigidos para obtenção do grau de Mestre em História.

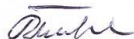
Aprovada em 06 de maio de 2022

Constituição do Júri



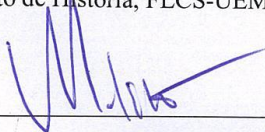
Doutor Paulo Lopes José

Departamento de História, FLCS-UEM (Presidente)



Prof. Doutor Joel das Neves Tembe

Departamento de História, FLCS-UEM (Arguente)



Prof. Doutor Marlino Eugénio Mubai

Departamento de História, FLCS-UEM (Supervisor)

Agradecimentos

A elaboração desta dissertação é o culminar de uma etapa importante na minha vida, por isso agradeço a todos que contribuíram para esta formação.

Agradeço ao Prof. Doutor Marlino Eugénio Mubai por ser meu mentor, por me inspirar e auxiliar nas diversas aventuras académicas e por ter financiado este Mestrado. Agradeço por mim e por muitos outros estudantes que ele tem ajudado com grande profissionalismo e humanidade. Na realidade, O Professor Mubai faz-me ter mais esperança neste mundo cada vez mais egoísta, por isso, o meu muito obrigado.

Manifesto o meu agradecimento ao meu pai, Adelino Armando Manhanguete pelo auxílio incondicional à minha formação, pela camaradagem, pelos sacrifícios e por demonstrar repetidamente que posso contar com a sua ajuda.

À minha mãe, Paulina Pedro Macuácuá, mulher batalhadora que nunca se vergou as adversidades da vida. A sua história me inspira e ensina que independentemente das complicações, devemos seguir em frente.

Aos professores do Departamento de História da UEM.

Aos colegas do Mestrado em História, particularmente ao meu vizinho José Jorge Mahumane e ao docente Júlio Machel.

A família Manhanguete e Macuácuá.

Ao jornalista desportivo Renato Caldeira pela concessão das entrevistas, por me ter oferecido um dos seus livros e por me contagiar com o seu amor pelo desporto.

Ao João Carlos da Conceição pela partilha das suas memórias e arquivo documental. Obrigado pela hospitalidade e pelo livro.

Resumo

O futebol é uma modalidade muito popular em Moçambique. Por vezes visto como uma actividade recreativa ou profissional, o futebol também desempenha um papel social e político. No entanto, apesar de ser uma modalidade de massas, do ponto de investigação científica, o futebol não tem recebido a devida atenção por parte dos pesquisadores das ciências sociais e humanas. Para contribuir no preenchimento desta lacuna, esta dissertação estuda a contribuição do futebol na construção e fortalecimento da nação moçambicana. A dissertação defende que, desde a proclamação da independência nacional em 1975, o futebol tem desempenhado um papel importante no projecto de construção de uma nação forte, unida e moderna. Argumenta ainda que, num contexto de guerras cíclicas e de instrumentalização das diversidades étno-linguísticas e regionais, o governo de Moçambique tem apostado na popularidade do futebol para promover a ideia de pertença a uma nação unida e soberana. Neste sentido, os jogos da Selecção Nacional de Futebol servem para unir os moçambicanos na defesa da pátria, deixando de lado as diferenças étnicas e clubistas. O Campeonato Nacional de Futebol no modelo “todos contra todos”, que abrange clubes de todas as regiões do país, mas que se mostra financeiramente insustentável, é apoiado por fundos públicos por se acreditar que contribui para a unidade nacional. A dissertação se baseia no método histórico e qualitativo, procurando compreender os acontecimentos políticos, sociais e desportivos ao longo do tempo. Neste processo, privilegia-se a análise de documentos, revisão de literatura, observação não-participante e entrevistas com informantes-chave.

Palavras-chave: Moçambique, futebol, política, nação

Abstract

Soccer is a very popular sport in Mozambique. Sometimes seen as recreational or professional activity, soccer also plays a social and political role. However, despite being the sports of the masses, it has not received the attention it deserves from researchers in social sciences and humanities. To contribute to filling this gap, this dissertation studies the contribution of soccer in the construction and strengthening of the Mozambican nation. It contends that since the proclamation of national Independence in 1975, soccer has played an important role in the project of building a strong, united and modern nation. It further argues that in a context of a history of cyclical warfare and instrumentalization of ethno-linguistic and regional diversity, the government of Mozambique has bet on the popularity of soccer to promote an idea of belonging to a united and sovereign nation. In this regard, the soccer matches of the national soccer team serve to unite Mozambicans in defending their homeland, leaving aside ethnic and club differences. The national soccer league played in ‘all-against-all’ model involving clubs from all regions of the country, despite being financially unsustainable, receives public funds because it is believed to contribute to national unity. The dissertation is based on historical and qualitative methods seeking to understand political, social and sports events over time. In this process, it relies on document analysis, literature review, non-participant observation and interviews with key informants.

Keywords: Mozambique, soccer, politics, nation

Índice

Agradecimentos...	iii
Resumo	iv
Abstract.....	v
I. Introdução.....	8
1.1. Contextualização.....	8
1.2. Objecto de estudo	9
1.3. Objectivos.....	10
1.4. Justificativa	10
1.5. Problematização.....	11
1.6. Argumento	12
1.7. Metodologia.....	12
1.8. Estrutura do trabalho.	16
II. Revisão de literatura.....	19
III. O futebol e o fortalecimento da identidade nacional: o caso de Moçambique, 1975-1990.....	34
3.1. Futebol, clubes e unidade nacional em Moçambique, 1975-1990....	41
IV. O Futebol e o fortalecimento da unidade nacional em Moçambique, 1990-2019.....	46
4.1. Futebol, clubes e unidade nacional em Moçambique, 1990-2019....	60
V. Considerações finais	63
Referências	64

Cap. I. Introdução

1.1. Contextualização

O futebol é uma modalidade desportiva com destaque central na sociedade moderna. Muitas das vezes visto como uma actividade recreativa e profissional, o futebol é também uma modalidade que desempenha um papel político preponderante. Entretanto, apesar da sua relevância na sociedade moçambicana no período pós-colonial, esta modalidade desportiva tem ocupado um lugar marginal na produção científica das ciências sociais e humanas. Visando contribuir na colmatação desta lacuna, esta dissertação estuda o contributo do futebol na construção e fortalecimento da nação moçambicana. A mesma argumenta que desde a proclamação da independência nacional em 1975, o governo de Moçambique liderado pela Frelimo tem se aproveitado da grande popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional fazendo com que esta modalidade esteja intimamente relacionada com o projecto de edificação de um país moderno e homogéneo. Num país caracterizado por uma grande variedade étnica, cultural, linguística e divergências políticas, o futebol tem servido de factor aglutinador. Isto se reflecte facilmente nos jogos da Selecção Nacional, quando todos os moçambicanos se unem numa única causa, ignorando grandemente as suas diferenças, substituindo-as por um sentimento de “moçambicanidade”. Na asserção de Hobsbawn, pessoas de diferentes grupos étnicos se espelham numa “imaginária comunidade de milhões [que] parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”¹. Isto também se assemelha à ideia de “comunidade imaginada” de Benedict Anderson², uma vez que através do futebol, a comunidade torna-se real.

Na ocasião de jogos importantes para a Selecção Nacional de Futebol, o país manifesta um grande sentimento patriótico, as pessoas vestem roupas e outras se pintam com os símbolos e cores nacionais, mesmo os que não têm apresso pelo futebol são contagiados, e em caso de vitória, os festejos acontecem com muito entusiasmo em todas as cidades. Neste desiderato, os Mídias, particularmente a rádio e televisão desempenham um papel fundamental na mobilização e

¹ E. Hobsbawn, *Nações e nacionalismos desde 1780* (São Paulo: Câmara Brasileira de Livros, 1990), 171.

² B. Anderson, *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism* (London: Verso, 2006).

disseminação do projecto nacional através do desporto. Esta acção é evidente desde o acompanhamento da preparação do jogo, durante o dia e depois do jogo. A sua incidência e excessiva repetição faz com que mesmo os desinteressados tenham algum interesse, uma situação que confirma o argumento de teóricos como Anderson, que compreendem que os Mídias têm um papel importantíssimo na construção e fortalecimento das nações³. Portanto, um jogo de futebol da Selecção Nacional possibilita uma mobilização e manifestação patriótica que poucas actividades e/ou acontecimentos nacionais possibilitariam.

Alguns dos sinais que demonstram o engajamento do Poder político, é a realização do Campeonato Nacional num modelo “todos contra todos em duas voltas”, que já se mostrou economicamente insustentável. A intervenção directa do executivo na mobilização e alocação de fundos para assegurar a realização da prova e o apoio a clubes através de empresas públicas são um indicador do reconhecimento do papel do futebol na materialização do projecto de construção da nação. A construção da unidade nacional é utilizada para justificar que propostas tecnicamente e economicamente viáveis como a realização de um Campeonato Nacional que comece a nível regional e termine com a fase nacional sejam politicamente vetadas, sob o argumento de que se estaria a dividir o país. Outro indicador do papel do futebol na construção da nação é a presença assídua de dirigentes políticos em todos jogos da Selecção Nacional ou durante o Campeonato Nacional de Futebol. Em muitos casos, estes dirigentes proferem discursos que realçam a importância desta modalidade na construção das identidades nacionais.

1.2. Objecto de estudo

O futebol é o objecto de estudo desta dissertação, na qual analisa-se esta modalidade desportiva como um acontecimento social com grande impacto sociopolítico. Esta modalidade tem a capacidade de aproximar grupos diferentes em torno do mesmo propósito. Em Moçambique tem sido relevante no fortalecimento da ideia de nação, por isso, procura-se olhar para o futebol como uma actividade que está além das fronteiras desportivas, um fenómeno impactante, onde demonstram-se e manifestam-se identidades colectivas de forma singular.

³ Anderson, *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*.

1.3. Objectivos

1.3.1. Objectivo geral

- ❖ *Estudar o contributo do futebol na construção e fortalecimento da nação moçambicana, 1975-2019.*

1.3.2. Objectivos específicos

- ❖ *Analisar a relevância do futebol na edificação e consolidação da unidade nacional moçambicana, 1975-2019;*
- ❖ *Identificar as formas de aproveitamento do futebol para gestão sociopolítica de Moçambique, 1975-2019.*

1.4. Justificativa

O desporto é uma actividade importante na sociedade moderna, por isso que o que acontece neste domínio pode ter grande influência social, política e económica. No caso do futebol, é uma modalidade desportiva com destaque central a nível mundial, por isso o seu impacto extravasa a fronteira do desporto, desempenhando um papel fundamental na dimensão sociopolítica. Apesar da relevância do futebol na sociedade moçambicana no período pós-colonial, este desporto tem ocupado um lugar marginal em termos de produção científica, pois muitos académicos e pesquisadores marginalizam o seu grande impacto sociopolítico e económico. Esta situação de secundarização de estudos sobre desporto tem contornos ainda maiores em sociedades como a moçambicana, em que a nível da investigação científica em ciências sociais se tem privilegiado temáticas relacionadas com a dominação e opressão colonial, nacionalismo, guerras pós-coloniais, desenvolvimento, entre outros⁴, dificultando a afirmação do desporto como um campo de estudo

⁴UEM, Departamento de História, *História de Moçambique, Volume 2: agressão imperialista (1886/1930)* (Maputo: Tempo, 1983); UEM, Departamento de História, *História de Moçambique, Volume 1: primeiras sociedades sedentárias e impacto dos mercadores (200/300 - 1886)*, 2 ed. (Maputo: Tempo, 1988); D. Hedges (Coord.), *História de Moçambique, volume 2: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*, 2 ed. (Maputo: Imprensa Universitária, 1999); A. Bragança, J. Depelchin, "Da idealização da Frelimo à

estabelecido. A escolha específica do futebol deve-se ao facto de ser a modalidade desportiva mais popular em Moçambique, o que permite uma grande mobilização das pessoas. Nesta arena, é possível compreender facilmente a relevância do desporto na construção das identidades nacionais. Assim, esta dissertação procura contribuir para o crescimento de estudos sobre o desporto em ciências sociais no período pós-colonial, uma fase marcada por grandes transformações sociopolíticas e económicas.

1.5. Problematização

O futebol é uma das actividades com maior popularidade a nível global, por isso o seu impacto não se limita ao campo desportivo. Algumas pesquisas demonstram que esta modalidade tem auxiliado significativamente a edificação e consolidação das identidades nacionais⁵. Tendo em conta esta relevância, as elites políticas têm utilizado o futebol para materializar os seus projectos de construção das identidades nacionais. A facilidade com que o futebol permite a manifestação de sentimentos de unidade, orgulho nacional, emoções e patriotismo demonstra a grande pertinência desta actividade para gestão sociopolítica de Moçambique. Esta situação faz com que forças políticas, sociais e económicas do país procurem aproveitar-se do futebol para formar e consolidar a unidade de uma nação caracterizada por diversas diferenças. Em terra de diversidade, o futebol é das poucas actividades que permite facilmente um senso de unidade, por isso, é importante compreender como este processo tem se efectivado em Moçambique. Desta feita, a dissertação

compreensão da história de Moçambique”, *Estudos Moçambicanos* 5/6 (1986): 29-52; J. Alexandrino, P. M. G. Meneses (eds.), *Moçambique – 16 anos de historiografia: Focos, problemas, metodologias, desafios para a década de 90* (Maputo: Painel Moçambicano, 1991); J. A. Marcum, *Conceiving Mozambique* (Cham: Palgrave Macmillan, 2018).

⁵ A. Bairner, “Sports Development, Nations and Nationalism”, In *Routledge Handbook of Sports Development*, eds. B. Houlihan, M. Green. (New York: Taylor & Francis e-Library, 2011), 38; B. Vidacs, “Through the Prism of Sports: Why Should Africanists Study Sports?” *Afrika Spectrum* 41 (3), 2006, p. 337-344; R. Giulianotii, “O estudo do esporte no continente africano”. In *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*, orgs. V. Melo, M. Bittencourt, A. Nascimento, (Rio de Janeiro: Apicuri, 2010), 24; Hobsbawn, *Nações e nacionalismos desde 1780*.

procura estudar de que forma o futebol tem contribuído para a construção e fortalecimento do projecto de nação em Moçambique?

1.6. Argumento

Desde a proclamação da independência nacional em 1975, o governo de Moçambique liderado pela Frelimo tem recorrido à popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional, fazendo com que esta modalidade esteja intimamente relacionada com o projecto de edificação de um país moderno e homogéneo.

1.7. Metodologia

Para elaboração desta dissertação privilegiei fundamentalmente os métodos histórico e qualitativo.

Método qualitativo é o procedimento adequado para a pesquisa em ciências sociais, na medida que permite ao investigador uma análise mais interpretativa do problema que esteja a estudar, visto que nem tudo pode ser quantificado, particularmente nos estudos em ciências sociais em que é relevante compreender que o Homem não é um agente passivo, pois interpreta continuamente o mundo em que vive, tornando importante que o investigador capte essa sensibilidade.⁶ Como Richardson observa, “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”⁷. Este método tem várias técnicas que se enquadram nesta dissertação, neste sentido, a revisão da literatura visa buscar o enquadramento teórico da pesquisa no debate global, por sua vez, a pesquisa e análise documental visa trazer mais subsídios específicos que permitam compreender a ligação do futebol e construção da nação em Moçambique.

⁶ P. Demo, *Metodologia científica em ciências sociais* (São Paulo: Atlas, 1981).

⁷ R. Richardson, *Pesquisa Social: métodos e técnicas* (São Paulo, Atlas, 1999), 91.

Na pesquisa documental, as publicações jornalísticas constituem uma fonte relevante, na medida que permitem compreender o tipo de discurso dominante em relação ao desporto na construção da nação num contexto em que os Mídias transmitiam fielmente os ideais do regime. Quanto a este aspecto, Booth argumenta que o desporto moderno teve um desenvolvimento acompanhado por uma produção massiva de jornais, por isso constituem uma fonte primária chave na história do desporto⁸. As publicações jornalísticas também ganham maior pertinência pelo facto de o arquivo documental do governo sobre as políticas do desporto nos primeiros anos de independência de Moçambique ser de difícil acesso devido a diversos factores. Aliado à dificuldade de acesso das fontes, as fraquezas na conservação de documentação com valor histórico fazem com que publicações jornalísticas sejam a principal fonte para o estudo do futebol e desporto em geral.

As fontes orais também serão importantes para construção da dissertação, possibilitando captar a sensibilidade humana. Estas fontes também permitiram preencher algumas limitações identificadas nas fontes documentais. Por fim, a observação foi uma técnica de pesquisa relevante, na medida que muitas manifestações de orgulho nacional, patriotismo e unidade nacional são facilmente perceptíveis em contextos em que a Selecção Nacional de Futebol disputa jogos importantes. Desta forma, a observação permitiu captar os sentimentos e emoções dos moçambicanos nestes momentos.

No processo da elaboração desta dissertação também se recorreu ao método histórico que assenta no conhecimento das diferentes fases dos objectos em análise na sua sucessão cronológica⁹. Recorrendo ao método histórico, foi fundamental estudar o futebol tendo em conta a conjuntura política, social e económica em que esteve inserido. Desta forma, foi possível compreender o evento ao longo do tempo e o contexto específico de cada época. No caso desta dissertação, o método histórico foi mais relevante porque abarca um período relativamente longo, caracterizado por várias transformações, continuidades e discontinuidades, tornando fundamental interpretar estes processos e as suas implicações ao longo do tempo e espaço. Neste contexto, a técnica da heurística permitiu a recolha e selecção das fontes tendo em conta o espaço e o tempo, enquanto a

⁸ D. Booth, "Sites of Truth or Metaphors of Power? Refiguring the Archive", *Sport in History*, 26, 1 (2006): 93.

⁹ S.T.C. Ramos, E.S. Naranjo, *Metodologia de investigação científica* (Lisboa: Escolar Editora, 2014).

hermenêutica possibilitou a interpretação crítica das fontes, procurando compreender a coerência, validade, veracidade e em que medida se pode relacionar com o problema de pesquisa.

A dissertação resulta da análise de diversas fontes históricas, com destaque para os arquivos, lugar tradicional do ofício do historiador.¹⁰ Assim, a elaboração da dissertação também passou por um trabalho de arquivo. Durante o processo de investigação, recorreu-se a Secretária de Estado do Desporto de Moçambique para obter-se informação sobre os arquivos documentais acerca das políticas do desporto, mas a instituição não tem um acervo documental sobre grande parte do período em estudo, principalmente do período da República Popular de Moçambique.

A ausência de documentação pode ser resultado de alguma informalidade na tomada de decisões. Por exemplo, muitas medidas adoptadas foram fruto de deliberações feitas pelo então Presidente Samora Machel durante discursos populares, reuniões e/ou visitas (in)formais. Como referiu o jornalista Renato Caldeira, “o Presidente disse num Comício que os clubes deveriam deixar de utilizar os nomes e símbolos colonialistas e tribalistas, por isso no dia seguinte, nós tivemos que inventar, assim sendo, antes dos clubes adoptar novas designações, chamávamos de ex-Benfica, ex-Sporting”¹¹. Por sua vez, João Carlos da Conceição, na altura responsável pela Direcção Nacional de Educação Física e Desporto assinala que esta situação “não só aconteceu no desporto como também aconteceu noutros assuntos da vida nacional, o que se fazia normalmente era as pessoas juntarem-se e saberem encontrar os caminhos para chegar a aquela orientação, [...] muitas das vezes, as instituições e todos nós éramos apanhados de surpresa”¹². Estes testemunhos demonstram a prevalência de alguma informalidade, uma situação contribuiu grandemente para a exiguidade de documentos escritos sobre decisões estruturantes.

A segunda hipótese está relacionada com as várias mudanças que existiram nas entidades governamentais do desporto. A nível governamental, a pasta do desporto sempre apresentou algumas indefinições, por isso passou por vários ministérios, tendo-se em algum momento criado uma Secretária de Estado da actividade. Segundo Muthisse, Gaspar e Machava, os organismos

¹⁰ R. G. Barbatho, L. C. Aguiar, “Os arquivos e a história: a importância dos documentos arquivísticos e das instituições de custódia na pesquisa histórica”. In: Simpósio Nacional de História XXVII, *Conhecimento histórico e diálogo social* (Rio Grande do Norte: ANPUH, 2013), 2.

¹¹ Entrevista: M. Manhanguale com Renato Caldeira, Cidade de Maputo, 15 de outubro, 2020.

¹² Entrevista: M. Manhanguale com João Carlos da Conceição, Cidade de Maputo, 2 de dezembro, 2021.

estatais que tutelam o desporto em Moçambique variaram ao longo do tempo. Logo após a independência, constituiu-se uma Comissão Administrativa de Desporto (1974-1977), depois passou para o Ministério da Educação e Desporto, tendo uma Direcção Nacional de Educação Física e Desporto que funcionou até 1983 quando, passou-se para Secretária de Estado do Desporto subordinada directamente ao Conselho de Ministro (1983-1985) e depois ao Ministério da Educação antes de se desembocar num ministério com designação ‘Desporto’, o Ministério da Cultura, Juventude e Desporto (1995-2000). A partir do ano 2000, este Ministério passou a se designar Ministério da Juventude e Desporto¹³.

Eventualmente, estas mudanças tiveram consequências negativas na colecção de documentos arquivísticos. As alterações e integrações constantes noutros organismos estatais podem ter propiciado alguma desorganização do acervo documental, para além de que em alguns casos, houve necessidade de troca constante de edifícios onde funcionavam organismos desportivos, o que pode ter possibilitado uma transferência deficiente da documentação, levando a sua destruição (in)voluntária.

A terceira hipótese levantada é o fraco conhecimento da relevância da colecção de documentos primários no período pós-colonial. Nesta época, existiam poucas pessoas formadas e/ou com conhecimento em ciências de documentação e/ou áreas afins, uma situação que seguramente afectou o percurso da colecção de documentos de importância histórica. No caso do desporto seria demasiadamente forçado enquadrar a falta de documentação com as interferências de Poder, pois conforme é possível compreender existiu um conjunto de factores que não estão necessariamente relacionados com esse aspecto.

Esta situação obriga a uma maior criatividade para obter documentos de arquivo¹⁴, uma das alternativas é recorrer aos poucos documentos da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) e Liga Nacional de Futebol (LMF) para compreender o apoio do governo a estes organismos. Partindo desse ponto, pode-se determinar a relevância sociopolítica do futebol. Todavia, a principal

¹³ L. C. Muthisse, N. Gaspar, A. Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015* (Maputo: Ministério da Juventude e Desporto, 2015).

¹⁴ Durante a pesquisa se verificou que algumas pessoas que estiveram administrativamente ligadas ao desporto têm arquivos documentais relevantes para compreender algumas medidas adoptadas naquele pelouro.

maneira de contornar esta falta de documentação foi o recurso a publicações jornalísticas. Outras fontes válidas foram alguns livros de memórias de atletas e jornalistas desportivos.

1.8. Estrutura do trabalho

A presente dissertação se propõe a compreender o contributo do futebol na formação e consolidação da nação moçambicana. No primeiro capítulo é apresentado o projecto de pesquisa, no qual destacam-se a problemática, o objecto e os objectivos, a justificativa, a metodologia e a estrutura do trabalho. Ainda neste capítulo, demonstra-se a relevância sociopolítica do futebol nas sociedades modernas e como os cientistas sociais podem estudar uma determinada sociedade a partir desta prática desportiva. No caso de Moçambique, o aproveitamento do futebol na gestão sociopolítica prova que esta actividade representa muito mais que um simples jogo.

O segundo capítulo explora os debates científicos sobre o futebol e a construção da nação a nível mundial. Parte-se duma perspectiva global em direcção a específica. Das diversas experiências sobre o aproveitamento do futebol para benefício da gestão social e política, percebe-se que esta modalidade desportiva tem sido extremamente importante na construção e fortalecimento da ideia de nação. A revisão de literatura demonstra que apesar da especificidade de cada caso, larga maioria dos países têm utilizado deliberadamente o futebol para a criação e fortalecimento de um profundo sentimento de unidade, patriotismo, orgulho nacional e auto-estima. Estes debates também demonstram que a utilização do futebol na gestão sociopolítica dos países não se trata de uma situação *sui generis* de Moçambique, na medida que se verifica de várias formas em todo mundo.

O terceiro capítulo foca-se especificamente na utilização do futebol na imaginação e robustecimento da ideia de nação moçambicana desde a proclamação da independência nacional até a aprovação da constituição que instituíu a democracia multipartidária (1975-1990). Neste capítulo demonstra-se como se aproveitou da popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional. Este é seguramente o período mais complexo do Estado moçambicano, no qual se procurou construir uma nação unida a partir de uma sociedade caracterizada por grande variedade étnica, cultural, linguística, assimetrias regionais e profundas divergências económicas, sociais, ideológicas e políticas que podem ter contribuído para o início e desenrolar da guerra dos

16 anos. Naquele contexto conturbado, o futebol era das poucas actividades que ajudava a manter a imaginação de Moçambique.

O capítulo mostra que governo liderado pela Frelimo mudou a estrutura desportiva de modo que o futebol e outras modalidades cumprissem com o objectivo de “modificar e eliminar os vícios da sociedade colonial e construir um novo país unido e livre de todas as formas de separatismo”. Apesar da guerra, das crises sociais, económicas, políticas e humanitária que se verificaram principalmente na década de 1980, bem como as diversas diferenças sociopolíticas, económicas, regionais e linguísticas não impediram que a Selecção Nacional de Futebol, o Campeonato Nacional de Futebol e as diversas competições recreativas desempenhassem um contributo relevante na unidade de Moçambique. Na realidade, o futebol era das poucas actividades que possibilitava a alegria das pessoas, despertando o senso de irmandade e dando esperança a uma sociedade pessimista e desmotivada devido a terrível situação em que se encontrava o país. Neste momento, as expectativas que as pessoas tinham sobre o novo Moçambique eram pessimistas, por isso o futebol acabava sendo um grande alento.

O quarto capítulo analisa como o futebol contribuiu para a unidade nacional durante o período de democracia multipartidária (1990-2019). Independentemente das mudanças estruturais na ideologia política, na sociedade e na economia, o fortalecimento da unidade nacional continuou sendo o principal objectivo sociopolítico de Moçambique, desta feita, o futebol seguiu desempenhando um papel importante. Este período foi marcado por diversos acontecimentos impactantes, desde a alteração constitucional de 1990, a assinatura dos Acordos Gerais de Paz (AGP) em 1992, a reconstrução do país, a realização das primeiras eleições multipartidárias em 1994, as crises pós-eleitorais, as crises político-militar e a variação entre momentos de optimismo e pessimismo socioeconómico. Estes factores aliados as diferenças linguísticas e as assimetrias regionais impeliam que o futebol continuasse a ser um dos poucos elementos aglutinadores em Moçambique. Assim, o futebol continuou a contribuir na construção e fortalecimento da nação. As pessoas continuaram se identificando com o futebol, uma situação que permitiu que classe política se aproveitasse desta modalidade para viabilizar o seu projecto de unidade nacional, a gestão social e política, assim como para a sua promoção política particular. Por isso, em todos governos moçambicanos se percebe facilmente o recurso ao futebol para ganhos sociais e políticos.

O quinto capítulo apresenta as considerações finais, confirmando o argumento de que tal como noutros quadrantes do mundo, em Moçambique tem se aproveitado da grande popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional, fazendo com que esta modalidade esteja intimamente relacionada com a edificação de um país moderno e homogéneo. Assim sendo, se concluí que o futebol em Moçambique é muito mais que um jogo, por isso, a partir do mesmo, é possível estudar e compreender a sociedade, a política, a economia, bem como a cultura do país.

Cap. II. Revisão de literatura

O desporto sempre esteve intrinsecamente ligado a sociedade, por isso a sua relevância vai muito além das barreiras desportivas. Na concepção de Costa, o desporto é um facto social natural com “funcionamento simbólico e capaz dos mais diversos investimentos sociais. Por outro lado, é um fenómeno humano estritamente ligado ao mito, a religião e a cultura. Assim, o universo desportivo é um excelente campo de observação da sociedade, onde podemos encontrar elementos para estruturar modelos ideias de análise social”¹⁵. O futebol é muito mais que um simples jogo, por isso constitui um óptimo campo de observação da sociedade. Por sua vez, Pereira assinala que o estádio de futebol é um espaço que se percebem dinâmicas, interações e manifestações emotivas que outro campo e contexto dificilmente proporcionariam¹⁶. Esta realidade permite que se analise a sociedade a partir do futebol, estabelecendo uma relação permanente entre a modalidade “rei” e a construção da nação.

A construção e reconstrução das nações é um processo complexo, marcado por continuidades e descontinuidades, desta forma, todos elementos que podem contribuir neste processo são bem vistos e utilizados. Apesar da importância primária do desporto não ser necessariamente a construção e fortalecimento de nações, com o seu desenvolvimento e popularidade acabou também adquirindo esta função sociopolítica. Segundo Hrstic e Mustapic, a conexão entre o desporto e política pode ser traçada desde a antiguidade, mas se tornou mais evidente com o começo do desporto moderno na segunda metade do século XIX, quando se introduziu o desporto na construção de identidades nacionais.¹⁷ Todavia, foi no período entre as duas grandes guerras que se apresentaram claramente alguns sinais da ligação entre a política e o desporto. A Alemanha nazista e a Itália fascista foram os primeiros a manipularem o desporto e a educação física para alimentar a ideia de identidade nacional, orgulho e superioridade nacional¹⁸.

¹⁵ A. Costa, “Desporto e análise social”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 2, (1992): 101.

¹⁶ P. Pereira, *Públicos e identidades culturais no futebol: o Sporting Clube de Espinho* (Dissertação, Mestrado, Universidade do Porto, 2010).

¹⁷ I. Hrstic, M. Mustapic, “Sport and politics in Croatia: Athletes as National Icons in History Textbooks”, *Other Modernities* 14 (2015): 149.

¹⁸ B. Buckel, *Nationalism, Mass, Politics and Sport: Cold War Case Studies at Seven Degrees* (Dissertação, MA, Naval Postgraduate School, 2008), 54; S. Martin, “Football, Fascism and Fandom in Modern Italy”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 116 (2018).

Um dos exemplos comumente referido é a realização dos jogos olímpicos de 1936 na Alemanha, em que o regime nazista procurou instrumentalizar as olimpíadas para fins políticos.

Os principais teóricos sobre a temática do nacionalismo e nação não prestaram muita atenção para o desporto na construção e fortalecimento de identidades nacionais, apesar do nacionalismo apresentar uma forte ligação com desporto. Nos teóricos sobre as nações e o nacionalismo, Hobsbawm é o que mais se destaca ao relacionar o fenómeno desportivo e a construção e fortalecimento das nações. No livro “Nações e Nacionalismo desde 1780”, Hobsbawm argumenta que pessoas de diferentes grupos étnicos se espelham numa “imaginária comunidade de milhões [que] parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”¹⁹. Isto também se assemelha à ideia de ‘comunidade imaginada’ defendida por Anderson²⁰, uma vez que através do futebol, a comunidade torna-se real. Hobsbawm incluí o futebol nas análises da cultura popular, na sua concepção, esta modalidade é simples, elegante e não é perturbada por leis e equipamentos complexos abriu o seu caminho por mérito, e, com a realização do primeiro Mundial de futebol em 1930 tornou-se universal²¹. Desde então, o futebol tem sido um fenómeno relevante na construção e fortalecimento das nações.

Por sua vez, Banner argumenta que o nacionalismo tem sido a maior força do desenvolvimento do desporto²². Este posicionamento demonstra que grande parte da importância do desporto deve-se a certos aspectos políticos. Outro autor que a partir de vários estudos de caso procurou compreender a relação do desporto e o nacionalismo é Seppel, que defende que o desporto se tornou um símbolo central nas sociedades modernas, na medida que reproduz o nacionalismo e activa estórias sobre o que somos como membros de um país. Todos estes esforços fazem parte do processo da nossa aceitação como membros de uma determinada comunidade²³.

¹⁹ Hobsbawm, *Nações e nacionalismos desde 1780*, 171.

²⁰ Anderson, *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*.

²¹ E. Hobsbawm, *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

²² Bairner, “Sports Development, Nations and Nationalism”, 38.

²³ O. Seippel, “Sports and Nationalism in a Globalized World”, *International Journal of Sociology* 47, 1 (2017): 45.

A história demonstra que a relação entre o desporto e política é mais evidente em Estados com governos autoritários, pois os mesmos podem fazer grandes intervenções sociais, políticas e económicas sem muitas das limitações que democracia multipartidária impõe. Por isso que o regime fascista italiano e nazista alemão foram os primeiros a estabelecerem uma forte conexão entre estas actividades. Também é interessante compreender que muitos dos estudos sobre o desporto e construção e fortalecimento da nação foram realizados em países que apresentavam um certo grau de autoritarismo.

O leste europeu é uma das regiões mais pesquisadas neste aspecto. Parks argumenta que o desporto naquela região tem sido efectivamente usado pelos regimes para promover a unidade, controle, legitimidade interna e internacional. Interessante notar que mesmo os movimentos oposicionistas utilizam o desporto para desafiar a ordem estabelecida, minar o poder central e promover a sua visão sobre a sociedade e nação²⁴. Isto demonstra que o campo desportivo é extremamente complexo, na medida que pode permitir que os de topo da pirâmide imponham a sua visão, mas também é possível que através do mesmo mecanismo, os que não concordem tentem estabelecer uma ordem contrária. Ainda nesta região, destaca-se o estudo de Hrstic e Mustapic, que a partir da análise de textos sobre ícones do desporto croata nos livros do Sistema Nacional de Educação, concluíram que esses atletas têm sido usados no processo de construção da identidade nacional. Na concepção dos autores, esta conexão induz para o que Durkheim chamou de ‘efervescência colectiva’²⁵. Por outro lado, demonstra como sucessos de certos indivíduos no desporto podem ser aproveitados na construção da nação.

Os países socialistas apresentam abertamente a utilização do desporto neste processo. Estas acções foram evidentes durante o período da URSS, na China e em Cuba. Como Carter mostra, em Cuba, os líderes revolucionários compreendiam que o desporto era um veículo vital para implantar a revolução e os valores socialistas, assim foi explicitamente instrumentalizado para ajudar o

²⁴ J. Parks, “Promoting Authority Through Sport by States and Societies of Eastern Europe”, *Handbuch der Sportgeschichte Osteuropas* (2017): 2.

²⁵ Hrstic, Mustapic, “Sport and politics in Croatia: Athletes as National Icons in History Textbooks”, 150-155.

desenvolvimento do “homem novo”²⁶. Este processo é idêntico ao que aconteceu nos países africanos que seguiram a via socialista no período pós-colonial, sendo que Moçambique foi um dos mais destacados.

Sobre o futebol, Baller argumenta que se tornou um campo para actuação de culturas populares, género, etnicidade, conflitos e reconciliação. Assim o futebol criou um local de transferência, troca e produção de símbolos, apropriação, transformação e manipulação²⁷. Com uma posição convergente, Bogdanov sustenta que o futebol continua sendo o desporto mais popular do mundo e que todos os países têm utilizado como meio de unidade, promoção e celebração da identidade nacional²⁸. Estes posicionamentos evidenciam que grande maioria dos países não está indiferente a esta função do desporto, a principal diferença é simplesmente o grau de aproveitamento do desporto neste processo.

No contexto da Guerra Fria, Buckel observa que para além do seu papel importante na formação de identidades nacionais, o desporto também desempenhou um papel de destaque no conflito ideológico entre os campos capitalista e comunista. Em competições como olimpíadas, a luta pelo maior número de medalhas tem sido associada à ideia de superioridade de uma nação sobre as outras²⁹. Assim, o país que ganha maior número de medalhas transmite a ideia de ser mais forte e usa isso para fortalecer a ideia de unidade nacional, patriotismo, orgulho nacional e auto-estima.

Quanto ao continente africano, o desporto ainda é uma categoria que carece de mais estudos específicos, particularmente quanto ao período pós-colonial. Uma grande parte dos estudos sobre o desporto e suas funções sociais é sobre o contexto colonial, por isso olha-se para esta actividade como factor de dominação, mas que em muitos contextos, os africanos acabaram se apropriando. De todas as formas, percebe-se que o desporto ainda é uma temática que pode abarcar vários

²⁶ T. Carter, “Game Changer: The Role of Sport in Revolution”, *International Journal of the History of Sport* 31, 7 (2014): 742.

²⁷ S. Baller, “Editorial: The Other Game: The Politics of Football in Africa”, *Afrika Spectrum* 41, 3 (2006): 327.

²⁸ D. Bogdanov, *Influence of National Sport Team Identity on National Identity*, 2011 (These, PhD, Florida State University, 2011), 49.

²⁹ B. Buckel, *Nationalism, Mass, Politics and Sport: Cold War Case Studies at Seven Degrees*.

estudos, seguindo diversas perspectivas. Vidacs argumenta que a prática do desporto moderno em África tem sido pouco estudada apesar da sua grande importância, na sua concepção, tal deve-se a fraqueza de estudos sobre desporto e a concepção de alguns académicos que consideram o desporto uma actividade trivial, por isso que os seus estudos não podem contribuir para resolver os graves problemas que o continente enfrenta³⁰.

A utilização do desporto para construção e fortalecimento das nações africanas é acrescida, na medida que a maior parte das nações ainda estão em construção. Muitos dos países ainda têm que superar as consequências nefastas do colonialismo, desde a definição arbitrária das fronteiras à instrumentalização da etnicidade, factores que continuaram no período pós-colonial, tendo resultados negativos para o continente. Nesta conjuntura, o futebol é uma das poucas actividades que tem sido usada para diminuir estas tensões. Sellstrom assinala que o futebol em África é mais que um jogo, visto que em um continente onde os conflitos internos e tumultos políticos geralmente têm revertido os progressos necessários rumo ao desenvolvimento socioeconómico e político, o futebol não é apenas praticado por lazer, é também um forte instrumento de reconciliação e desenvolvimento social³¹.

De facto, no discurso político dos líderes africanos, a ‘unidade nacional’ é provavelmente a expressão mais popular. A ideia de construção e fortalecimento da nação é mais defendida no imaginário político africano, o que tem reflexos nas questões desportivas. Neste contexto, Giulianotti argumenta que “ao nível nacional, alguns Estados africanos têm utilizado o esporte [sic] para promover formas de coesão nacional que, ao menos em parte, podem também ajudar a consolidar o apoio ao monarca, político ou partido que governa a nação”³², com o mesmo posicionamento, Vidacs defende que “governos pós-coloniais utilizaram o esporte [sic] tanto para o controle social como para a promoção de sentimentos nacionais. Na verdade, o nacionalismo é a

³⁰ Vidacs, “Through the Prism of Sports: Why Should Africanists Study Sports?”.

³¹ T. Sellstrom, “T. Beyond the Big Stage: Football, Reconciliation and Social Development in Africa”, *The African Centre for the Constructive Resolution of Disputes* (2010): 32.

³² Giulianotti, “O estudo do esporte no continente africano”, 24.

principal ideologia que os líderes africanos tentaram impor através do esporte”³³. Estas posições evidenciam a importância do desporto na construção das nações, mas também demonstram que a instrumentalização pode ser para alcançar fins políticos particulares.

Um dos exemplos notáveis é o nacionalista ganês Kwame Nkrumah, que procurou aproveitar-se do futebol para fortalecer o nacionalismo e pan-africanismo. Segundo Darby, o primeiro presidente do Gana independente reconhecia a capacidade do desporto para ajudar a imbuir nas populações o senso de nação que transcendesse as lealdades tribais, por isso rapidamente utilizou a Seleção Nacional de Futebol como um caminho para construir a sua ideia de unidade nacional³⁴.

Nkrumah politizou o futebol para que cumprisse uma agenda sociopolítica. Charway e Houlihan assinalam que desporto sempre fez parte da política ganesa, sendo instrumentalizado para reforçar a identidade nacional e diminuir as diferenças numa sociedade heterogénea, com mais de 100 línguas e etnias diferentes, assim como seitas religiosas. A popularidade do futebol também é aproveitada para aumentar a aceitação de algumas figuras políticas que procuram levar os créditos das realizações da Seleção Nacional de Futebol em competições internacionais³⁵. O Gana sempre teve uma das melhores seleções africanas, a equipa também conhecida como *The Black Stars*, tem a particularidade de em algumas ocasiões ter representado brilhantemente o seu país e continente, possibilitando o empoderamento e aumentando a auto-estima continental, activando valores da identidade e unidade africana.

Nos Camarões, país com mais de 200 grupos étnicos, mais de 230 línguas e uma tripla herança colonial, fazendo com que a nação seja edificada num contexto de grande complexidade sociopolítica e económica, o desporto é popular, desempenhando efeitos sociais práticos. O sucesso no mundial de futebol em 1990, forneceu um ensejo para unir o país e acalmar as divergências históricas entre a região francófona e anglófona. A predominância do futebol criou uma

³³ B. Vidacs, “O esporte e os estudos africanos”, In *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*, orgs. V. Melo, M. Bittencourt, A. Nascimento, (Rio de Janeiro: Apicuri, 2010), 48.

³⁴ P. Darby, “Africa and the ‘World’ Cup: FIFA Politics, Eurocentrism and Resistance”, *International Journal of the History of Sport* 22, 5 (2005): 887.

³⁵ D. Charway, B. Houlihan, “Country Profile of Ghana: Sport, Politics and Nation-Building”, *International Journal of Sport Policy and Politics* (2020): 11-12.

oportunidade para que estivesse ao serviço da política. Já em 1992, o Presidente Paul Biya declarou um feriado nacional em resultado da performance da Seleção Nacional que tinha se qualificado para o Mundial de Futebol de 1994, realizado nos Estados Unidos da América (EUA)³⁶.

O sucesso desportivo da Seleção Nacional de Futebol favoreceu o regime a lograr alguns dos seus pressupostos políticos. De acordo com Bea Vidacs, a performance vitoriosa da Seleção camaronesa no Mundial de Futebol da Itália em 1990 foi um evento relevante para acalmar o clima sociopolítico turbulento, num momento em que o país transitava para democracia multipartidária, Biya procurou se apropriar do sucesso e imagem da seleção, reivindicando que aquelas vitórias e o sucesso desportivo também se devia ao seu contributo e comprometimento pessoal³⁷. Desta forma, aproveitou-se da situação para gestão sociopolítica e promoção particular.

No contexto africano, alguns atletas ganharam notoriedade mundial através do desporto, em muitos casos, devido a sua grande popularidade, estas figuras são utilizadas para fins sociais e políticos. Bairner refere que em muitos países da África Sub-Sahariana, os heróis do desporto são de vital importância no auxílio e promoção da unidade entre as pessoas³⁸. Por seu turno, Depetris-Chauvin e Durante fizeram um estudo na África Sub-Sahariana em que avaliavam o impacto das vitórias das seleções nacionais de futebol na unidade, concluíram que os resultados positivos fazem com que as pessoas se identifiquem menos com o seu grupo étnico e mais com o país, o que contribui para redução da tensão e violência inter-étnica³⁹. O futebol é sinónimo de alegria, por isso naquele momento, as pessoas minimizam as suas diferenças e unem-se em prol do propósito maior da nação.

A melhor geração futebolística da Costa de Marfim teve um impacto tremendo na unidade da nação. Aquele país enfrentava uma guerra civil iniciada em 2002, causada fundamentalmente

³⁶ J. Clarke, J. Ojo, “Sport policy in Cameroon”, *International Journal of Sport Policy and Politics* (2016).

³⁷ B. Vidacs, “Football in Cameroon: A Vehicle for the Expansion and Contraction of Identity”, *Culture, Sport, Society* 2, 3 (1999): 100-117.

³⁸ A. Bairner, “Sport, Nationalism and Globalization: Relevance, Impact, Consequences”, *Hitotsubashi Journal of Arts and Sciences* 49 (2008): 46.

³⁹ E. Depetris-Chauvin, R. Durante, “One Team, One Nation: Football, Ethnic Identity and Conflict in Africa”, *Afro Barometer* 1 (2017): 1-43.

pela instrumentalização das questões étnicas e religiosas⁴⁰. Após um jogo contra o Sudão, no qual os *Les Éléphants* garantiram a sua primeira participação num mundial de futebol, o capitão da seleção, Didier Drogba, discursou e clamou pela paz⁴¹. Dias refere que os heróis do futebol “tiveram um papel fundamental no apaziguamento das tensões existentes há décadas no país e na criação de uma trégua temporária. O futebol, na figura de Drogba e dos sucessos costa-marfinenses a nível internacional, mostrou-se, novamente, um mecanismo primordial na construção da união e da coesão do povo costa-marfinense como um só”⁴².

No contexto liberiano, Armstrong defende que a Seleção Nacional de Futebol personifica e sustenta a ideia de nação, dado que este desporto invoca o orgulho nacional e o senso de pertença colectiva. O futebol acomoda o pluralismo étnico a nível dos clubes e nacional, levando ao caminho da socialização política e pode ser considerado como parte da estrutura da construção do país⁴³. Armstrong ainda refere-se a realização de algumas actividades que visavam a invenção e consolidação da unidade na Libéria, desde as iniciativas do presidente Tubman que organizou em 1964, um torneio de futebol designado o encontro da nação, com o objectivo de gerar o sentimento de unidade nacional através do futebol, as iniciativas durante a guerra civil, em que se organizou torneios entre equipas regionais para demonstrar que apesar das diferenças, compartilhavam as mesmas esperanças e medos, tendo efeitos positivos no amainar os ânimos⁴⁴. Estas acções que parecem pequenas têm grandes significados no imaginário das pessoas, empoderando de forma natural a união.

⁴⁰ T. Föster, “Insurgent Nationalism: Political Imagination and Rupture in Côte d’Ivoire”, *Africa Spectrum* 48, 3 (2013): 3-31.

⁴¹ Homens e mulheres da Costa do Marfim, do norte, do sul, do centro e do oeste. Hoje provámos que todos os marfinenses podem coexistir e jogar juntos com um objetivo único: a qualificação para o Mundial. Prometemos-vos que a celebração ia unir o povo. Hoje, imploramos-vos, de joelhos: Perdoem! Perdoem! Perdoem! Um país em África com tanta riqueza não pode acabar em guerra. Por favor, guardem as armas. Organizem eleições. E tudo será melhor (R. Silva, “Drogba: o apelo de joelhos para acabar com a guerra civil”, *É Desporto*, 12 de fevereiro, 2017. www.edesporto.com. acessado: 15 de julho, 2021).

⁴² M. Dias, *O futebol como agente principal na agregação e desagregação de uma sociedade e como elemento nas relações internacionais*, 2020 (Dissertação, Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, 2020), 39.

⁴³ G. Armstrong, “Talking Up the Game: Football and the Reconstruction of Liberia, West Africa”, *Identities: Global Studies in Culture and Power* 9, 4 (2002): 474.

⁴⁴ Armstrong, “Talking Up the Game: Football and the Reconstruction of Liberia, West Africa”, 474.

A dificuldade dos Estados africanos em compreender as questões étnicas colocou entraves na construção e fortalecimento das nações. O desporto é uma das poucas actividades que contorna essa realidade. A partir da análise da imprensa pós-colonial da Nigéria, Scheler e Dubinky argumentam que os jornalistas e adeptos articularam a identificação nacional e o orgulho em torno do futebol, invocando uma nação nigeriana imaginada que não era reproduzida nas secções e páginas que não eram desportivas⁴⁵. Deste modo, o futebol forneceu significados que ajudavam a superar as divisões na sociedade nigeriana.

A região sul de África também apresenta alguns estudos sobre a relação do futebol e a construção e fortalecimento da nação. A África do Sul destaca-se com várias pesquisas sobre o impacto do desporto na construção do país no período pós-Apartheid. A elite política assumiu abertamente a importância do desporto na edificação de uma nação com muitas diferenças étnicas, raciais e socioeconómicas.

Nesta asserção, destacam-se alguns discursos de Nelson Mandela, histórico combatente da luta contra o Apartheid e primeiro presidente eleito democraticamente no período pós-Apartheid. Fuller citado por Ogunnubi refere-se a um discurso de Mandela, em que o então presidente sul-africano assinala que o desporto tem força para mudar o mundo, para inspirar e para unir as pessoas de uma forma que poucas actividades conseguem, assim sendo, o desporto pode criar esperança onde apenas havia desespero⁴⁶. Esta comunicação demonstra parcialmente a ideia que elite política sul-africana tinha sobre o desporto e as formas para se aproveitar os seus efeitos positivos para a formação de uma nação predominantemente marcada por identidades fragmentadas e ressentidas pelas atrocidades de um passado marcado pela segregação e discriminação.

A realização de grandes eventos desportivos também tem impacto positivo a nível social e político. No continente africano, a África de Sul é dos poucos países com poderio económico para realizar competições desportivas de grande envergadura. Os sul-africanos procuraram tirar proveito da realização de algumas competições desportivas para fortalecer o seu projecto de nação. Cornellissen e Maennig argumentam que a associação entre o sucesso desportivo, orgulho e

⁴⁵ L. Schler, I. Dubinsky, “Green Eagle Nation: The Politicization of Sports Journalism in the Post-Independence Nigerian Press”, *African Studies Review* 0, 0 (2020): 24.

⁴⁶ O. Ogunnubi, “Soft Power and Currency of Sport: (Re)imagining South Africa’s Rising Hegemony in Africa”, *Global Society* (2019): 2.

unidade nacional no pós-Apartheid começou com a realização e conquista do Campeonato Mundial de Rugby em 1995, em que a conquista do título foi vista pelas figuras políticas como uma oportunidade para forjar a unidade nacional, possibilitando a instrumentalização dos grandes eventos desportivos⁴⁷.

A década de 1990 foi marcada por grandes transformações sociopolíticas e económicas na África do Sul. Numa sociedade em reconstrução, o desporto, particularmente o futebol, teve um impacto positivo. Segundo Anderson, Bielert e Jones, nas circunstâncias particulares da década de 1990, o futebol serviu para ajudar a unir certos segmentos da população. Depois da libertação de Mandela, o futebol permitiu a reconciliação entre os pretos sul-africanos e alguns brancos que enveredaram neste espírito. O campo futebolístico tornou-se livre para ser uma arena de criação, performance e celebração da identidade africana⁴⁸.

Na década de 1990, a África do Sul organizou o Campeonato das Nações Africanas de 1996, evento que marcava a sua primeira participação na competição. Esta foi a melhor participação do país, coroada com o seu primeiro título em selecções, naquela que é a maior competição de futebol a nível continental. Esta foi a melhor geração de futebol sul-africano, marcada por uma selecção multi-étnica e pluri-racial, mas predominantemente negra, que teve a oportunidade de demonstrar as suas qualidades, desafiando os diversos estereótipos estabelecidos durante a vigência do Apartheid. Höglund e Sundberg compreendem que o simbolismo daquele evento pode ser analisado a partir de diversas perspectivas, mas a mais interessante, é o facto de os atletas pretos demonstrarem que podem ser tão bem-sucedidos como os brancos. Por outro lado, os autores destacam a pressão e posicionamentos políticos que transformavam o evento e as vitórias em ferramenta relevante para reconciliação⁴⁹.

⁴⁷ S. Cornelissen, W. Maennig, “On the Political Economy of ‘Fell [Feel?]-Good’ Effects at Sport Mega-Events: Experiences from FIFA Germany 2006 and Prospects for South Africa 2010”, *Alternation* 17, 2 (2010): 109.

⁴⁸ C. Anderson, T. Bielert, R. Jones, “One Country, One Sport, Endless Knowledge: The Anthropological Study of Sports in South Africa” *Anthropologica* 46, 1 (2004): 50.

⁴⁹ K. Höglund, R. Sundberg, “Reconciliation through Sports? The Case of South Africa”, *Third World Quarterly* 29, 4 (2008): 805-818.

A África do Sul é um dos países africanos que mais investe em grandes competições desportivas, tendo sempre como um dos objectivos o aumento da coesão interna, isso pode perceber-se com o esforço que houve para a realização do Campeonato Mundial de Futebol de 2010, que desportivamente foi uma desilusão, mas com consequências positivas no âmbito social e político. Ndlovu-Gatsheni defende que nos ciclos nacionalistas e pan-africanistas, a organização do Mundial de Futebol da FIFA foi consistentemente ligada ao fenómeno de construção da nação e cicatrização nacional das divisões raciais e étnicas geradas pela a experiência do Apartheid. Assim como a Comissão da Verdade e Reconciliação e outros megas eventos realizados depois de 1994, o Mundial foi um importante processo purificante e terapêutico utilizável na intensificação do processo da unidade nacional⁵⁰. Por sua vez, Catsam assinala que depois de longos anos de litígio e luta entre a população durante e depois do fim do Apartheid, o mundo passou a olhar para a África de Sul como um país que finalmente encontrará a paz e harmonia. A realização do Mundial de futebol representava uma componente vital do processo de reconciliação do país. Na verdade, o evento significava que o desporto tem sido uma actividade central para o debate político e social sobre a raça e o nacionalismo⁵¹. Os líderes políticos sul-africanos usaram a sua pujança económica para colocar o futebol ao serviço da almejada reconciliação nacional.

No Zimbabwe, os jogos da Seleção Nacional de Futebol também ajudam a promover a estabilidade e unidade nacional. Zenenga recorre ao famoso jogo de futebol entre Zimbabwe e Brasil realizado em Harare, no ano de 2010, para argumentar que num momento de tensão política e crise socioeconómica, a disputa futebolística não juntou apenas espectadores de todos credos, raças e sexos, mas também os principais oponentes políticos. Numa rara demonstração de unidade, o então Presidente Robert Mugabe e Morgan Tsvangirai assistiram partida a partir da mesma tribuna⁵². Na Zâmbia, durante o período a seguir a independência, Kenneth Kaunda e o seu partido United National Independence Party também tiraram proveito do futebol para propagar as suas ideologias políticas naquele contexto de monopartidarismo. A importância do futebol no projecto

⁵⁰ S. Ndlovu-Gatsheni, “The World Cup, Vuvuzelas, Flag-Waving Patriots and the Burden of Building South Africa”, *Third World Quarterly* 32, 2 (2011): 281.

⁵¹ D. Catsam, “The Death of Doubt? Sport, Race, and Nationalism in the New South Africa”, *Georgetown Journal of International Affairs* 11, 2 (2010): 7-13.

⁵² P. Zenenga, “Visualizing Politics in African Sport: Political and Cultural Constructions in Zimbabwean Soccer”, *Soccer & Society* 13, 2 (2012): 261.

da nação é perceptível através dos investimentos avultados realizados por corporações para-estatais como a Zambia Consolidated Copper Mines⁵³.

Portanto, o futebol tem sido um instrumento importante para a idealização e consolidação da unidade nacional dos países africanos. Num continente com grande diversidade etno-linguística e sociocultural, o futebol é um dos poucos factores aglutinadores. Os gestores políticos e a sociedade compreendem facilmente a relevância das Selecções Nacionais de Futebol e dos Campeonatos Nacionais na gestão sociopolítica, contudo, ainda persiste uma certa desconfiança em relação aos clubes, pois representam determinadas regiões e províncias. Não obstante as diferenças históricas entre algumas regiões, os clubes de futebol africanos são o espelho do mosaico étnico, cultural, linguístico e racial de África, um exemplo de tolerância e convivência na diversidade.

Na realidade, os clubes são representados por jogadores de diversas regiões. Desta maneira, os problemas etno-linguísticos são atenuados mesmo em países que têm um histórico de graves problemas dessa índole. Vejam-se os casos dos Camarões, da Nigéria ou mesmo do Quênia, onde as tensões étnicas são muito intensas. Naquelas sociedades, as diferenças são facilmente transportadas para o futebol, todavia, o impacto negativo é bem menor em comparação com outras áreas da sociedade, política e economia. Na sua análise sobre o desporto nos Camarões, Vidacs assinala que o futebol apresenta um impacto duplo, pois da mesma forma que tem reforçado os laços étnicos, também os têm atenuado. Naquele país, as pessoas apoiam as suas equipas locais (étnicas) com a mesma disposição que apoiam a equipa nacional, ou seja, o que se contesta a nível local, é suportado a nível da selecção nacional, onde as pessoas desejam fazer parte da mesma nação⁵⁴. Assim sendo, o futebol torna-se uma rede social em que se cortam ou atenuam-se as ligações étnicas, favorecendo-se os vínculos nacionais.

No Quênia existe uma grande rivalidade futebolísticas entre o AFC Leopards, equipa com forte associação ao grupo étnico Abaluhya e o Gor Mahia predominantemente vinculado ao grupo étnico Luo. Na perspectiva de Njororai, a rivalidade entre os dois principais clubes quenianos que

⁵³ H. Chipande, “Challenge for the Ball: Elites, Fans and the Control of Football in Zambia’s One-Party State, 1973–1991”, *Journal of Southern African Studies* (2018): 1-13.

⁵⁴ Vidacs, “Football in Cameroon: A Vehicle for the Expansion and Contraction of Identity”.

chegou a fomentar alguns casos de violência, é profundamente marcada por questões étnicas⁵⁵, ou seja, apesar de demonstrar-se problemas relacionados com os clubes de futebol com base étnica no Quênia, esta divisão torna-se importante na medida que reproduz as fronteiras inter-étnicas, assim como formula e reproduz a união na diversidade⁵⁶.

A África é um continente com grande diversidade étnica, mas o futebol é uma das poucas actividades que permite que toda essa diversidade seja catalisadora da unidade. Os estudos sobre o futebol em África demonstram que os clubes dos principais campeonatos não são representados exclusivamente por atletas, equipas técnicas e adeptos de um determinado grupo étnico ou região, sendo marcados pela diversidade. A nível da alta-competição, o continente africano não tem registo de um clube de futebol com a filosofia da equipa espanhola do Athletic Club de Bilbao que apenas permite jogadores de origem basca, uma situação que faz alguns autores relacionar o clube com o nacionalismo basco⁵⁷.

Os estudos sobre o desporto têm apresentado um grande desenvolvimento, contudo, percebe-se que globalmente, as pesquisas nesta temática ainda são relativamente baixas, essa tendência se confirma quando se analisa o contexto de Moçambique. Este país, como muitos outros africanos, ainda enfrentam muitos desafios na investigação científica, no caso das ciências sociais, acabam sendo privilegiadas outras temáticas que se consideram prioritárias. Nos estudos sobre o desporto em Moçambique, destacam-se as pesquisas de Nuno Domingos, que fez sua tese sobre desporto em Moçambique na fase colonial, tendo também produzido alguns artigos sobre esta temática. Desta forma, Domingos procura compreender como os africanos encararam a imposição do futebol como um instrumento civilizador. Na sua concepção, os africanos não desempenharam um papel passivo, na medida que também se apropriaram do futebol, exprimindo e reforçando a sua maneira de estar naquele universo⁵⁸.

⁵⁵ W. Njororai, “AFC Leopards and Gor Mahia: Footballing Rivalry and Shared Political Underdog Status in Kenya”, *Soccer & Society* (2017): 1-19.

⁵⁶ W. Njororai, “Colonial Legacy, Minorities and Association Football in Kenya”, *Soccer & Society* 10, 6 (2009): 866-882.

⁵⁷ J. Castillo, “Play Fresh, Play Local: The Case of Athletic de Bilbao”, *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics* 10, 4 (2007): 680-697.

⁵⁸ N. Domingos, *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique* (Lisboa: Imprensa de Ciência Sociais, 2012).

Sobre o desporto no período pós-colonial, no livro ‘contribuição para história do desporto em Moçambique’, Muthisse, Gaspar e Machava argumentam que “a evolução do desporto em Moçambique independente confunde-se, de certa forma, com a própria história política e económica do país”⁵⁹. Este posicionamento demonstra que não é possível compreender o desporto moçambicano sem ter em conta o contexto em que esteve inserido, pois todas mudanças sociopolíticas e económicas tiveram impacto directo na evolução da actividade. Na mesma senda, o livro “o passado, o presente e as perspectivas para o desenvolvimento do desporto em Moçambique” de Graziano, Pessula e Tembe apresenta uma abordagem relevante dos vários momentos do desporto no país. Este trabalho se destaca ainda pela informação profunda sobre as modalidades desportivas, assim como as transformações que foram sofrendo ao longo do tempo⁶⁰.

Noutro artigo, em que se pode relacionar com a construção da nação moçambicana, Domingos analisa o futebol português como memória social em Moçambique, defendendo que mesmo com a revolução terminológica imposta aos clubes moçambicanos no período pós-colonial, os clubes portugueses continuam tendo maior popularidade que os clubes locais⁶¹. Apesar dos possíveis ressentimentos que os moçambicanos podem nutrir devido a algumas acções coloniais portuguesas, continuam seguindo o campeonato português com mais atenção que o moçambicano, demonstrando que o futebol consegue contornar até passados históricos hostis.

Em suma, esta revisão de literatura mostra várias realidades que tem como denominador comum a importância do futebol na construção e fortalecimento das identidades nacionais. A partir desta base teórica, a dissertação procura compreender como é que a elite política moçambicana tem aproveitado a popularidade do futebol para edificar a nação moçambicana. Nota-se que a utilização do futebol para gestão social e política é um fenómeno mundial, por isso esta dissertação não apresenta a questão moçambicana como se fosse excepcional. Entretanto, reconhece que, apesar de

⁵⁹ Muthisse, Gaspar, Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015*, 24.

⁶⁰ A. Graziano, P. Pessula, V. Tembe, *o passado, o presente e as perspectivas para o desenvolvimento do desporto em Moçambique* (Maputo: CIEDIMA, 2008)

⁶¹ N. Domingos, “O futebol português em Moçambique como memória social”, *Cadernos de Estudos Africanos* 9/10 (2006): 1-13.

todos os casos terem elementos convergentes, também apresentam elementos específicos que devem ser compreendidos.

Cap. III. O futebol e o fortalecimento da identidade nacional: o caso de Moçambique, 1975-1990

A introdução do futebol em Moçambique se sucedeu no período colonial, rapidamente tornou-se uma modalidade com grande popularidade entre os colonizadores e os africanos. Apesar de existirem registros do início da prática futebolística nas duas últimas décadas do século XIX, a organização formal de competições de futebol em Moçambique aconteceu em 1923, quando se criou a Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM) que juntava os clubes dos colonos e era filial da Federação Portuguesa de Futebol, esta Associação organizava o campeonato oficial, onde praticamente não participavam atletas negros e mestiços. Por outro lado, encontrava-se a Associação de Futebol Africana (AFA), criada em 1924, detentora da organização dos campeonatos em que os negros e mestiços podiam participar⁶². Este sistema mostra que o futebol se desenvolveu num contexto de segregação.

Naquele contexto também se verificou a utilização de futebol para servir fins sociais e políticos, por isso em alguns momentos desenvolveu-se “uma narrativa imperial propagandística que explorou o êxito de alguns atletas africanos na metrópole” em prol da grandeza da nação portuguesa⁶³. Assim, a integração de futebolistas como Matateu, Mário Coluna, Vicente Lucas, Hilário Rosário da Conceição e Eusébio da Silva Ferreira, entre outros, serviu para sustentar a ideologia luso-tropical, criada por Gilberto Freyre, que defendia a excepcionalidade do carácter miscigenador do assimilacionismo português⁶⁴.

Com o fim da colonização portuguesa em 1975, após uma década de luta de libertação armada, o então movimento de libertação tomou a rédeas do Poder e o seu principal objectivo era a edificação da nação moçambicana. Consciente de que o processo de edificação das nações é extremamente complexo devido às divergências de opiniões, sentimentos, identidades e ideologias, a Frelimo procurou formas de desenvolver um discurso político que galvanizasse o povo em prol da nação. Para atingir os seus objectivos, a Frelimo optou em construir uma nação de cariz

⁶² N. Domingos, “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano”, *Análise Social* XLI, 179 (2006); E. Moiane, *A contribuição da Associação de Futebol Africana (AFA), na luta anticolonial em Moçambique, 1920-1975*. Dissertação, Mestrado, Universidade Eduardo Mondlane, 2018.

⁶³ Domingos, *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*, 91.

⁶⁴ N. Domingos, “As políticas desportivas do Estado Colonial em Moçambique”, *Lusotopie* XVI, 2 (2009).

marxista-leninista, na qual todas as formas de divisionismo, capitalismo e todos os males impostos pelo sistema colonial fossem erradicadas. Nas palavras do Presidente Machel:

Quando pegamos em armas para derrubar a ordem antiga sentimos, obscuramente, (sic) a necessidade de criar uma nova sociedade, forte, sã, próspera, em que os homens, livres de toda a exploração, colaborariam para o progresso comum. [...] A luta pela criação de novas estruturas fracassaria sem a criação de uma nova mentalidade. [...] A eliminação do individualismo, desenvolver uma moral sã e revolucionária [...] exige a destruição das ideias e gostos corruptos herdados [...] é necessário que a ciência vença a superstição. Unir todos os moçambicanos, para além das tradições e línguas diversas, requer que a nossa consciência morra a tribo para que nasça a Nação⁶⁵.

No período pós-colonial, o futebol continuou a ter grande popularidade, poucas actividades reuniam tantas pessoas como o futebol. O regime tinha esta noção, por isso procurou instrumentaliza-lo para alcançar os seus fins sociopolíticos. As maiores enchentes do Estádio da Machava sucederam-se nos primeiros anos de independência, em que jogos entre equipas nacionais eram assistidos por cerca de 45 000 espectadores⁶⁶, em ambiente de alegria e confraternização, possibilitando a manifestação de sentimentos nacionalistas que o regime aproveitou para materializar e fortalecer a sua ideia de nação. Nesta senda, o jornalista Renato Caldeira compreende que o entusiasmo que se vivia no pós-independência, notava-se também no desporto, o Estádio da Machava ficava completamente abarrotado, os dirigentes políticos enchiam os camarotes⁶⁷. O futebol movimentava massas de forma contagiante, num momento em que as pessoas estavam bastante optimistas em relação a edificação de um Moçambique unido, desenvolvido e socialmente justo.

Alguns posicionamentos politicamente radicais também se verificaram no futebol, pois esta actividade foi moldada para servir os interesses da construção de Moçambique, sendo relevante a conjugação entre o futebol e a ideologia política da Frelimo. Assim, a análise do futebol em Moçambique deve ser feita, tendo em conta o contexto sociopolítico e económico em que esteve

⁶⁵ S.M. Machel, *Educar o Homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria: mensagem à 2ª Conferência do Departamento de Educação e Cultura* (Maputo: Colin Darch, Centro de Estudos Africanos, 1978), 11.

⁶⁶ Mutisse, Gaspar, Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015*.

⁶⁷ Entrevista: M. Manhanguale com Renato Caldeira, Cidade de Maputo, 26 de outubro, 2021.

inserido. A ideia de que o desporto deveria servir a revolução é repetida diversas vezes naquele período. A Frelimo compreendia que na sua “[...] linha política e humana [...] adivinhava, a seu tempo, todo um novo desporto do povo para o povo. Todo um desporto de verdade e grandeza, onde o homem será dignificado, não sendo mais instrumento da grande orquestra alienatória que tem sido o desporto”⁶⁸.

No primeiro seminário do desporto da província de Maputo, concluiu-se que as funções do desporto deveriam “modificar a sociedade, modificando os indivíduos pela eliminação dos vícios incutidos no tipo de sociedade anterior e preparando-o física, intelectual e moralmente para o novo tipo de sociedade que se quer formar, isenta de separatismo, vedetismos, elitismos e alargado a todo o povo através do enquadramento das estruturas desportivas nas estruturas políticas de base. [...] Na prática desportiva, a política seja colocada acima da técnica”⁶⁹. A configuração da nova estrutura futebolística teve que estar alinhada a estes princípios.

Estes excertos mostram que a implementação de um desporto alargado aos moçambicanos, caracterizado por um forte cunho político foi a tônica dominante no discurso e medidas adoptadas. Durante a realização dos jogos escolares foram proferidos discursos que assinalavam que aquele evento criava “[...] as condições para o reforço da nossa unidade nacional, tornando o povo mais apto a desempenhar as tarefas do partido e do governo, principalmente na defesa intransigente da pátria contra as agressões contínuas do imperialismo”⁷⁰. O mesmo se sucede em alguns discursos de Marcelino dos Santos, líder histórico da Frelimo que defendia que se fizesse “viver a avidez do socialismo no desporto”⁷¹, bem como a necessidade de “que os princípios da Frelimo entrem no desporto”⁷².

A narrativa de um desporto marxista-leninista é constante no discurso político e tinha grande destaque na imprensa. O partido-estado pretendia construir uma nação socialista, por isso o

⁶⁸ “A educação física e o desporto no programa da Frelimo”, *Tempo*, 6 de outubro, 1974, 29.

⁶⁹ “O desporto juvenil no I Seminário do Desporto da Província de Maputo”, *Tempo*, 6 de abril, 1975, 45.

⁷⁰ N. Castanheira, “Primeiro festival nacional de jogos escolares: o povo participou, o povo assistiu”, *Tempo*, 15 de janeiro, 1978, 61.

⁷¹ R. Caldeira, A. Zandamela, “Façamos viver o socialismo no desporto: Marcelino dos Santos na abertura oficial dos trabalhos da II Reunião Nacional”, *Notícias*, 12 de janeiro, 1984.

⁷² “Princípios da Frelimo devem entrar no Desporto: Marcelino dos Santos na recepção de encerramento do II Encontro Nacional, na Beira”, *Notícias*, 16 de janeiro, 1984.

desporto deveria ter uma função relevante nesse processo. Numa das edições do Jornal Notícias escreveu-se que um:

*Desporto das massas [era] importante meta a atingir na actual conjuntura sócio-política [...]. O desporto será [...] exercício físico e mental, um dos factores determinantes da unidade na sociedade moderna. [...] E, por isso, porque pretendemos que em Moçambique floresça realmente uma sociedade nova, torna-se imprescindível conduzir o desporto aos mais recônditos lugares, fazendo dessa juventude que agora se integra nas tarefas prioritárias da construção da sociedade, de uma juventude desportiva exemplar, onde o espírito revolucionário esteja sempre presente*⁷³.

Nesta asserção, a importância sociopolítica do desporto é muito mais relevante que os aspectos técnicos e desportivos, ou seja, a linha entre o futebol e a política é ténue. Estas situações são mais evidentes em sociedades com governos extremamente reguladores como Moçambique no período a seguir a independência. A imposição de construção de um país socialista teve as suas contradições, o que paulatinamente possibilitou a impopularidade do projecto. Estas exigências e contradições também se manifestaram nas políticas sobre o futebol, pois como os detentores do Poder político defendiam, o futebol não poderia ser uma actividade que estivesse a parte do processo “revolucionário”. Este posicionamento, por vezes punha em causa a essência da modalidade. Como ilustra um episódio mencionado pelo jornalista desportivo Renato Caldeira, por vezes há quem sugerisse o sacrifício do talento pela unidade nacional. Caldeira conta que, na altura, a Selecção Nacional de Moçambique tinha um jogo importante, mas o seu principal guarda-redes, Nuro Americano, estava lesionado e encontrava-se em Portugal a fazer tratamento, os desportistas estavam preocupados, tratava-se do atleta que garantia maior segurança a equipa, mas quando essa informação chegou a representante máxima do Ministério que tutelava o desporto, a mesma referiu que “se não joga o Nuro, joga outro qualquer, até porque temos onze províncias, deveria ser um jogador por província”⁷⁴. Isto mostra que desportivamente, algumas pessoas tinham pouca noção do que estavam a fazer, estavam mais preocupadas com questões sociopolíticas.

O posicionamento sobre a representatividade da Selecção Nacional de Futebol é condicionado por algumas críticas que defendem que o combinado nacional é constituído

⁷³ “Implantar um sistema de educação física em que a prática vá ao encontro do povo”, *Notícias*, 27 de janeiro, 1976, 7.

⁷⁴ Entrevista: M. Manhanguale com Renato Caldeira, Cidade de Maputo, 26 de outubro, 2021.

fundamentalmente por atletas de Maputo, uma situação que pode provocar um certo descontentamento das pessoas de outras províncias. Contudo, esse argumento tem algumas fragilidades, pois confunde o facto do atleta jogar em Maputo e ser natural desta província. Esta concepção acaba atingindo até alguns membros do governo, o João Carlos da Conceição lembra que teve uma situação “em que chegou a uma província e o Governador perguntar-lhe que Seleção Nacional é está, não há nenhum jogador de Nampula? E eu digo há o Chababe e ele ficou mais animado”⁷⁵. Na realidade, a selecção é composta maioritariamente por atletas de todo o país, mas em certos casos, os atletas são convocados enquanto estão a representar um clube que não é da sua província de origem, podendo induzir a uma interpretação equivocada das pessoas.

Para atingir os objectivos traçados, o governo da Frelimo entregou a gestão do desporto federado a Direcção Nacional de Educação Física e Desportos. Este organismo assinalava a necessidade da criação de um desporto totalmente integrado no processo revolucionário, que contribuísse para o avanço e consideração da revolução. Neste sentido, procurou moralizar a estrutura desportiva do período colonial⁷⁶. Isto levou a uma revolução nas estruturas desportivas, destacando-se a instrumentalização do desporto para fins políticos, preferência por um desporto amador, integração dos clubes a entidades estatais, condicionamento e interdição de transferência de atletas, alteração de designações e símbolos de associações e clubes de cariz colonial, religiosa e étnica, bem como o combate aberto a certas modalidades desportivas por se considerar que representavam o ‘capitalismo-colonial’. João Carlos da Conceição refere que se tratavam de orientações políticas, desta forma, assinala que:

A não ida dos jogadores para o exterior obedeceu a uma norma política, porque na altura, Moçambique tinha aderido a política socialista e que a maior parte dos países não simpatizavam, naturalmente as estruturas políticas de Moçambique também não viam com bons olhos a ida de jogadores para esses países. A mudança dos nomes nos clubes também foi uma directiva política, não foi uma iniciativa da Direcção Nacional, [visava] evitar aquela submissão em que muitos clubes tinham nomes de equipas portuguesas [...]. Veio a juntar a isso, a ligação dos clubes as empresas, pois os grandes clubes em Moçambique

⁷⁵ Entrevista: M. Manhangele com João Carlos da Conceição, Cidade de Maputo, 2 de dezembro de 2021.

⁷⁶ República Popular de Moçambique. Ministério da Educação e Cultura. Direcção Nacional de Educação Física e Desportos, *Desporto federado: regulamento geral* ([S.l.: s.n], 1979), 3.

*eram suportados por pessoas ligadas a empresas e que nesse período, a maior parte das pessoas saíram de Moçambique para Portugal e outros países como África do Sul, abandonaram os clubes, [...] então as estruturas políticas acharam que deveriam ligar os clubes as empresas*⁷⁷.

Estas mudanças faziam parte da nova ideia de nação, em que o desporto deveria se enquadrar. Por exemplo, a mudança dos nomes dos clubes foi imposta. Ciente da importância da toponímia na construção e fortalecimento de identidades, o governo mandou alterar quase a totalidade dos nomes colonialistas das organizações desportivas. Assim, o Sporting de Lourenço Marques tornou-se o Clube de Desportos da Maxaquene e o Benfica de Lourenço Marques passou a designar-se Clube de Desportos da Costa do Sol. Clubes como o Gazense, Inhambansense, Mahafil Issilamo, Zambeziano mudaram de nome por se considerarem regionalistas, étnicos e religiosos⁷⁸, o que poderia colocar em causa o projecto de construção de uma nação homogénea, sem nenhum tipo de divisionismo.

A preferência por um desporto amador, a integração dos clubes a entidades estatais, condicionamento e interdição de transferência de atletas, bem como o combate aberto a certas modalidades desportivas por representarem o ‘capitalismo-colonial’ devia-se a facto da Frelimo compreender que estrutura desportiva colonial não se enquadrava à nova conjuntura e ao tipo de

⁷⁷ Entrevista: M. Manhanguale com João Carlos da Conceição, Cidade de Maputo, 29 de novembro, 2021.

⁷⁸ Antes da mudança definitiva dos nomes, adoptou-se uma estratégia que Renato Caldeira designou de “solução dos ex”. Caldeira refere que se vivia a euforia da recém-conquistada Independência Nacional, quando um dia, num comício, o Presidente Samora Machel orientou a Nação em geral e os desportistas em particular: “A partir de hoje, não há mais Sportings, Benficas ou Portos. Nomes tribalistas como Inhambanense ou Gazense, acabaram. Também deixam de existir designações de carácter religioso, como Mahafil Isslamo ou Atlético Maometano. Escolham nomes nacionais e que não criem divisionismo”. A ordem vinha do Chefe de Estado e era para ser cumprida. Mas porque havia que informar sobre o programa de jogos do dia seguinte, como designar aquelas colectividades, se já não se poderiam utilizar os recém-banidos nomes? A Redacção desportiva do Notícias, recorreu ao então Director Nacional do Desporto, João Carlos da Conceição e depois à Ministra da Educação, Graça Machel que dirigia o pelouro desportivo. A resposta foi clara: arranjem uma solução, mas esses nomes não podem ser usados. A saída veio do velho jornalista, o falecido Albuquerque Freire. Ele propôs a inclusão do “ex” antes das equipas visadas. E assim foi. A partir desse dia, passavam a jogar o ex-Sporting, contra o ex-Benfica, no campo do ex-Mahafil. Nas classificações, os ex- eram mais que muitos”. R. Caldeira, “De Sporting para Maxaquene passando por Leões e Asas”, *O País*, 4 de outubro, 2018. <https://www.opais.co.mz>, acessado: 15 de setembro, 2021.

nação que se pretendia construir. Estas mudanças podem ser enquadradas no posicionamento do presidente Samora que defendia o escangalhamento do aparelho administrativo e comportamentos coloniais⁷⁹.

Logo a seguir à independência, a Seleção Nacional de Futebol participou em competições internacionais, sendo o ponto mais alto a participação no Campeonato Africano das Nações (CAN), realizado no Egipto, no ano de 1986, marcando assim a estreia nacional em competições internacionais. A qualificação foi marcada por dois grandes jogos contra o Malawi e Líbia que foram decididos na marcação de grandes penalidades, com o Estádio da Machava abarrotado, o futebol cumpria a sua missão de unir os moçambicanos em prol da nação. João Carlos da Conceição compreende que:

O desporto sendo aglutinador de massas [...] [pode] incutir o sentido patriótico, primeiro incute o sentido clubista, mas quando joga a Seleção Nacional há um sentido patriótico [nacional] das pessoas e jogadores nesta actividade. Começa no balneário a vestir camisola nacional [para] representar o país, depois quando entras no campo estás no meio de muitos atletas, seus adversários no dia-a-dia, mas todos a serem aplaudidos pela população assistente, quando se toca o hino nacional é um momento que se invoca patriotismo para aqueles que estão ali dentro⁸⁰.

Os jogos da Seleção Nacional de Futebol possibilitavam uma grande manifestação de moçambicanidade e patriotismo, pois o seu impacto extravasou as barreiras desportivas. Num período em que os moçambicanos se encontravam pessimistas devido a grave crise político-militar e socioeconómica que caracterizava o país⁸¹, o futebol era das poucas actividades que garantia alegrias para as pessoas e mantinha viva a chama da unidade nacional. O João Carlos da Conceição recorda que houve muito entusiasmo devido a qualificação de Moçambique ao CAN de 1986, ainda acrescenta que “[...] em todos os países, a qualificação para um mundial, para um continental que

⁷⁹ “Escangalhar as estruturas de Estado coloniais”, *Tempo*, 17 de fevereiro, 1980; “É preciso descalçar a bota e limpar o Matope: escangalhar as estruturas e métodos do Estado colonial-capitalista – discurso do presidente Samora Machel no encerramento da sessão alargada do Conselho de Ministros”, *Notícias*, 8 de fevereiro, 1980.

⁸⁰ Entrevista: M. Manhanguale com João Carlos da Conceição, Cidade de Maputo, 2 de dezembro de 2021.

⁸¹ M. Mubai, *Making War on Village and Forest: Southern Mozambique During the Sixteen-year Conflict, 1976-1992* (These, PhD, University of Iowa, 2015).

é o caso do CAN trazem a população uma auto-estima muito grande, ficam todos eufóricos, já que se chegou ao ponto de passagem, [...] aquilo traz uma autoconfiança extraordinária [...]”⁸². Numa das décadas mais difíceis da história de Moçambique, o futebol continuava impactando positivamente no projecto de unidade nacional. De todas as formas, a década de 1980 acabou sendo extremamente complicada para Moçambique, assim sendo, a euforia inicial foi desvanecendo e o projecto da Frelimo foi perdendo popularidade, todavia, o futebol continuou desempenhando a sua função unificadora.

3.1. Futebol, clubes e unidade nacional em Moçambique, 1975-1990

Como se tem destacado nesta dissertação, o futebol tem sido um instrumento importante na construção e fortalecimento da unidade nacional de Moçambique. Depois de dissertar principalmente sobre o papel da Seleção Nacional na persecução deste desiderato, também é preciso olhar aos clubes. Como se fez referência, com a independência nacional, os clubes que ostentavam designações portuguesas, regionais ou religiosas foram orientados a trocar de nome. Entretanto, a localização geográfica da sede de um determinado clube tem sido directamente ligada à sua popularidade na região em causa. Num país com um discurso político virado à supressão divisões regionais, étnicas e raciais, isto até poderia ser visto como uma ameaça ao projecto unificador. Todavia, um olhar à rivalidade clubista mostra que esta não atenta ao projecto da nação, uma vez que, independentemente da sua localização, os clubes moçambicanos de futebol representam a diversidade etno-linguística do país com planteis abrangentes e inclusivos, sem distinção de etnia, região e religião.

As principais rivalidades futebolísticas em Moçambique encontram-se entre os principais clubes de cada província. Historicamente, a então Lourenço Marques apresentou um maior desenvolvimento sociopolítico e económico, possibilitando a necessidade crescente de actividades de lazer, sendo o futebol, uma das actividades que mais se beneficiou. Outros pontos que

⁸² Entrevista: M. Manhanguale com João Carlos da Conceição, Cidade de Maputo, 2 de dezembro de 2021.

apresentaram um desenvolvimento futebolístico notável foram as cidades da Beira e Nampula, dois locais com maior desenvolvimento económico a seguir a Lourenço Marques⁸³.

Esta situação criou maior competição entre clubes da mesma região do que no âmbito nacional. A nível de Lourenço Marques pode-se destacar a grande rivalidade entre os eternos vizinhos, o Grupo Desportivo de Lourenço Marques e Sporting de Lourenço Marques que representava uma cópia da rivalidade metropolitana entre os Sport Lisboa Benfica e Sporting Clube de Portugal. Na realidade, estes clubes coloniais eram filiais dos clubes sediados na metrópole⁸⁴. O mesmo se sucede na Beira e Nampula, onde existiam filiais dos clubes metropolitanos.

A nível dos adeptos, percebe-se que tendem a apoiar principalmente os clubes da sua província, esta situação às vezes cria uma ideia de divisão, mas que é questionável, na medida que os atletas do seu clube não são unicamente de uma província ou grupo étnico-linguístico. Aliás, mais do que esse aspecto, os adeptos geralmente estão mais preocupados com resultados positivos do que com a proveniência de quem os permite. Portanto, o desporto, particularmente o futebol cria estas pontes mais que outras actividades.

Neste contexto, compreende-se que mesmo transparecendo a ideia de que o futebol a nível de clubes é mais susceptível a impactar negativamente na construção e fortalecimento da nação moçambicana, a realidade demonstra o contrário. Em situação de partido único, poucos movimentos ousaram desafiar abertamente aquele projecto, neste sentido, no futebol praticamente não existiram manifestações abertas de defesa de identidades e costumes locais, o nacional geralmente se sobrepôs ao local.

Apesar das grandes das assimetrias regionais existentes em Moçambique, os problemas étnicos ainda não são tão fortes como em outros países africanos como, por exemplo, a Nigéria, o

⁸³ E. Medeiros, “Etnia e raça no desporto beirense na época colonial. O caso dos ‘sino-moçambicanos”, *Cadernos de Estudos Africanos* 26 (2013): 43-81; Domingos, *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*.

⁸⁴ Nos meados da década de 1950, o Sport Lisboa Benfica (SLB) desfilhou o Grupo Desportivo de Lourenço Marques devido a resistência deste último em usar um equipamento igual do SLB. Nessa conjuntura, criou-se o Benfica de Lourenço Marques que passou a ser a filial do SLB em Moçambique. J. Faniße, “A história do Benfica: qual é a base política-histórica do desporto federado em Moçambique? Nesta crónica fica uma tentativa de resposta através de uma retrospectiva do Sport Lourenço Marques e Benfica”, *Tempo*, 21 de janeiro, 1979, 28-31.

Quênia e a República Democrática do Congo. Os altos níveis de pobreza e assimetrias regionais⁸⁵ até que deixam algumas pessoas de certas regiões descontentes por se sentirem marginalizadas, mas ainda não atingiram o nível de violência física e psicológica constante entre os habitantes. Duma forma geral, pode-se afirmar que as pessoas comuns, independentemente do seu grupo étnico estão mais reconciliadas que os líderes políticos que amiúde instrumentalizam estas questões. Assim, o contexto moçambicano tem suas especificidades, mas não é de extrema hostilidade. O futebol é encarado como uma festa com o poder de unir as pessoas, independentemente das suas diferenças. Por outro lado, os adeptos têm como um dos principais objectivos a celebração de vitórias, mesmo que a mesma não seja de responsabilidade exclusiva de atletas do seu grupo étnico.

Durante o período pós-colonial, muitos atletas representaram clubes que não tem nenhuma ligação com seu grupo étnico, sendo uma oportunidade para construir-se pontes e desmitificar-se o conceito sobre o “outro”. A realização do Campeonato Nacional de Futebol era directamente afectado pelas limitações económicas, particularmente em relação aos custos do transporte aéreo, para além das longas distâncias entre as províncias, ainda se destacava a insegurança devido a guerra civil. Mesmo com estas limitações, o futebol continuava a desempenhar um papel importante na unidade do país. Nota-se que durante o período colonial, os campeonatos tinham uma fase distrital, depois passavam para regional, na qual encontravam os representantes para a fase nacional que geralmente era realizada na capital da colonial. Este foi o principal figurino do Campeonato Nacional de Futebol no período colonial e nas primeiras duas décadas de Moçambique independente⁸⁶. O modelo de campeonato não se apresentava como um entrave para ideia de nação estabelecida, pois o futebol demonstrava uma certa facilidade em unir e proporcionar alegrias que poucas actividades apresentavam naquele contexto.

A rivalidade que existia entre os clubes, conseqüentemente entre adeptos, era fundamentalmente desportiva e mesmo nesse campo não era extremista. Nos primeiros 15 anos de independência, os adeptos se interessavam mais com o futebol do que com as rivalidades. O jornalista Renato Caldeira recorda que os campos ficavam abarrotados independentemente dos clubes que se enfrentavam, tal devia-se a importância do futebol e pelo facto de tratar-se de uma

⁸⁵ L. de Brito et al. (orgs.), *Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique* (Maputo: IESE, 2009).

⁸⁶ Muthisse, Gaspar, Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015*.

das poucas actividades de lazer que existiam naquele período em que faltava quase tudo⁸⁷. Deste modo, o futebol era dos poucos locais onde as pessoas podiam confraternizar, partilhar alegrias, desilusões e ainda que momentaneamente, esquecer a maior parte das dificuldades do país e suas frustrações pessoais.

Os adeptos geralmente tinham os seus clubes prediletos, todavia, um adepto do C.D. Maxaquene não tinha problemas em ir assistir aos jogos do seu eterno rival G.D. Desportivo de Maputo. Nas competições africanas a nível de clubes, esta atitude se cristalizava ainda mais, mesmo o C.D. de Matchedje que era visto com alguma desconfiança pelos desportistas devido a sua política de impor o serviço militar obrigatório a alguns jogadores de outros clubes, de modo que representassem a equipa militar⁸⁸, quando tinha jogos, particularmente internacionais, os campos ficavam abarrotados. Estes jogos acabavam servindo como factor importante na unidade dos moçambicanos.

A participação de Moçambique na Taça dos Campeões Africanos iniciou em 1979 com a estreia do Desportivo de Maputo na competição. Desportivamente, as equipas nacionais não tinham bons resultados, pois eram afastadas nas primeiras eliminatórias, mas com ganhos sociais notáveis. Em 1988, o Matchedje quebrou o enguiço, sendo a primeira equipa moçambicana a alcançar os quartos-de-final da Taça dos Campeões, tendo sido apenas afastado pelo gigante National do Cairo do Egipto (Al-Ahly Sporting Club) com agregado de 1-2⁸⁹. O Estádio da Machava encheu para apoiar o combinado nacional, num movimento que representava muito mais que futebol, também representava o orgulho nacional e internacional, a ideia de que mesmo perante as dificuldades e diferenças, juntos, os moçambicanos eram mais fortes. A equipa militar representada por atletas de várias partes do país era exemplo mais que evidente desta situação.

A década de 1980 foi marcada por uma grande crise socioeconómica e político-militar, estes acontecimentos impeliram grandes transformações, principalmente na segunda metade desta década. Na realidade, a mudança da ideologia política era expectável, a Frelimo tinha esta noção,

⁸⁷ Entrevista: M. Manhanguale com Renato Caldeira, 26 de outubro, 2021.

⁸⁸ M. Meque, “Honras militares para quem dignificou a nação”. *Domingo*, 16 de março, 2014, 37; R. Caldeira, “Filipe: o gato preto”, *O País*, 7 de outubro, 2018, www.opais.sapo.mz, acessado: 20 de outubro, 2018.

⁸⁹ Muthisse, Gaspar, Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015*, p. 201.

por isso iniciou algumas reformas aquando do IV Congresso em 1983. Depois seguiram-se negociações com os países ocidentais, visando novas alternativas e parceiros económicos. Em 1987, o governo começou a implementar o Programa de Reajustamento Económico (PRE) influenciado pelas instituições de Bretton Woods⁹⁰. Estas mudanças tiveram efeitos imediatos no futebol, no mesmo ano sucedeu-se a primeira transferência internacional de um jogador de futebol, obtendo reconhecimento oficial das autoridades competentes, assim sendo, Francisco Querol Conde Júnior (popularmente conhecido por Chiquinho Conde) tornou-se jogador do Belenenses de Portugal⁹¹.

As transformações socioeconómicas e políticas mudaram o projecto de idealização de Moçambique, porém, o futebol continuou a auxiliar a construção da nação, mesmo tratando-se de um projecto reconfigurado. De todas as formas, o futebol prosseguiu sendo uma modalidade relevante na edificação de Moçambique, possibilitando a coesão sociopolítica de forma tão particular e eficiente. No período da democracia multipartidária, a utilização do futebol como uma modalidade importante no apoio a unidade nacional agudizou, demonstrando ainda mais a relevância do mesmo.

⁹⁰ O. Roech, “Reforma económica em Moçambique: notas sobre a estabilização, formação das classes”, *Arquivo* 1 (1992): 5-32; M. Wuyts, “Gestão económica e política de reajustamento em Moçambique”, *Estudos Moçambicanos* 8 (1990): 97-124.

⁹¹ Ver entrevista de Chiquinho Conde, na qual aborda a sua transferência para o futebol europeu: “Estou habituado a vencer todos desafios da minha vida”, *Desafio*, 24 de junho, 1987, 8-9.

Cap. IV. O Futebol e o fortalecimento da unidade nacional em Moçambique, 1990-2019

O período a seguir a independência foi marcado pela tentativa de construir uma nação socialista, todavia, depois de cerca de 10 anos existiram factores político-militar e socioeconómicos que impeliram a Frelimo a mudar a sua perspectiva. Deste modo, em 1987, o país adoptou o Programa de Reabilitação Económica e em 1990 abraçou-se o multipartidarismo. Estes acontecimentos fizeram com que o projecto de nação sofresse uma profunda reformulação, também assente na questão da unidade nacional. Estas transformações tiveram efeito directo na forma como o futebol passou a ser usado para servir interesses sociopolíticos em Moçambique.

A década de 1990 foi marcada por vários acontecimentos, desde a mudança constitucional (1990), a assinatura dos Acordos Gerais de Paz (1992) e a realização das primeiras eleições multipartidárias (1994). A nível futebolístico, o país teve duas participações consecutivas no CAN de 1996 na África do Sul e 1998 na Burquina Faso. Do ponto de vista desportivo, os resultados foram negativos, com a Selecção Nacional a conseguir apenas um ponto na edição de 1996 e a não pontuar em 1998. Entretanto, a nível social e político teve efeitos positivos.

Não obstante o facto do país atravessar um momento em que se implantava e normalizava a pluralidade política, o futebol continuou desempenhando a mesma função. O Estádio da Machava considerado a “catedral” do desporto moçambicano, continuava abarrotado de gente com diversas convicções sociais e políticas vestida de cores e símbolos nacionais. Muitos moçambicanos ainda se recordam perfeitamente da importante vitória de Moçambique frente a Selecção Nacional de Futebol de Angola em 1995, um momento muito simbólico para os moçambicanos que vibravam com a possibilidade de participar no CAN de 1996.

Estes acontecimentos sucederam-se num contexto em que as feridas da guerra civil ainda estavam abertas e existiam grandes divergências entre os agentes políticos que em muitos casos até recorriam a instrumentalização da etnicidade, colocando em causa o princípio fundamental da unidade nacional. As duas primeiras eleições tinham ocorrido num ambiente crispado e com os resultados equilibrados entre as maiores forças políticas do país.⁹² De certa forma, as alegrias do

⁹² Ver: Resultados eleitorais. <https://www.iese.ac.mz>, acessado: 11 de setembro, 2021.

futebol atenuavam estas divergências, configurando-se como um dos poucos campos em que se estabeleciam consensos.

Para além dos jogos da Selecção Nacional de Futebol, o Campeonato Nacional de Futebol também continuava sendo uma prova de grande popularidade. Antes dos anos noventa, os jogos do Campeonato Nacional enchiam os estádios de gente dando uma imagem de que Moçambique era um país verdadeiramente de futebol, onde as pessoas encontram no desporto “Rei” motivos de alegria, confraternização e união. Os líderes políticos moçambicanos sempre tiveram a noção desta relevância, não é por acaso que praticamente todos líderes sempre se apresentem como grandes seguidores do futebol, tal sucede-se pelo facto de procurar-se aproveitar esta actividade para questões de gestão política e social. Tomando como exemplo Muammar Gaddafi, Billebault refere que o Presidente líbio odiava o futebol, por considerar um desporto estúpido, acompanhado por pessoas que fracassaram em executar as suas actividades. Contudo, ao mesmo tempo compreendia que poderia extrair vantagens políticas do futebol, por isso procurou instrumentaliza-lo⁹³.

No caso de Moçambique, ao longo da liderança do Presidente Joaquim Alberto Chissano (1986-2004), encontram-se poucos discursos do Presidente relacionados com o desporto na construção da nação. O Presidente Chissano tinha a particularidade de apresentar um posicionamento mais contido sobre as diversas questões sociopolíticas e económicas do país, característica que marcou a sua forma de governação. Ainda assim, encontram-se alguns discursos sobre este tema, em 1991, Chissano dirigindo-se a delegação moçambicana que participou nos jogos Pan-africanos, sublinhou que os desportistas tinham sido embaixadores de Moçambique. Rematou que “[a nível internacional] tivemos uma representação digna de realce, a começar por Lurdes Mutola, passando por Laura Nhavene e pelo Desportivo de Maputo em futebol, [...] vocês agiram no Cairo como autênticos embaixadores do nosso país, pois muita gente pensa que em Moçambique só existe guerra e pessoas a fugirem [...], vocês conseguiram provar o contrário, por isso mesmo congratulo-me com isso”⁹⁴.

⁹³ A. Billebaut, “Libya: When Muammar Gaddafi played political football”, *The Africa Report*, 25 September 2020. <https://www.theafricareport.com>, acessado: 15 de novembro, 2020.

⁹⁴ “No Cairo, vocês agiram como embaixadores: Presidente Chissano ao dirigir-se ontem a delegação moçambicana dos jogos pan-africanos”, *Domingo*, 6 de outubro, 1991.

Quando, em 1991, o Desportivo de Maputo chegou as meias-finais da maior competição de clubes a nível africano, Chissano, considerou que a proeza representava um grande impacto no orgulho nacional, num momento sociopolítico e económico extremamente delicado para os moçambicanos. Acrescentou que, mais uma vez, o futebol mostrou-se relevante para gestão do país. Chissano também procurou aproveitar-se da popularidade do futebol para angariar votos para o seu sucessor Armando Guebuza. Na altura, o então Presidente da República compreendia que o desporto teria continuidade com Guebuza. Num encontro com desportistas, Chissano referiu que “confiamos na Frelimo e no seu candidato, e posso garantir-vos que conheço Guebuza como desportista, vi-o a jogar futebol e era algo de invejável, por isso com a Frelimo na voz de comando e Guebuza a dirigir os destinos do país, o nosso desporto só sairá a ganhar com isso [...]”⁹⁵. Durante os mandatos de Guebuza confirmou-se a permanente recorrência ao futebol para auxiliar o projecto de auto-estima, orgulho nacional e fortalecimento da unidade nacional.

Neste caso, nota-se o aproveitamento do futebol com o objectivo de manter a liderança dos destinos do país. Isto demonstra que os líderes da administração pública compreendem a relevância do desporto na implementação de variados projectos em Moçambique. Sobre esta matéria, Giulianotii observa que para além de se promover formas de unidade nacional através do futebol, também procura-se consolidar meios de atingir objectivos políticos particulares⁹⁶. De todas as formas, em 2015, Chissano foi distinguido como Homem do desporto pelo Ministério da Juventude e Desporto e a Federação Moçambicana de Futebol pelo apoio que prestou ao desenvolvimento desta actividade em Moçambique⁹⁷.

Nos mandatos do Presidente Armando Emílio Guebuza (2005-2014), o futebol passou a ter grande destaque no seu projecto político. Durante a sua governação, procurou instrumentalizar o futebol para alcançar os seus objectivos políticos, particularmente no fortalecimento da nação moçambicana. Um olhar as palavras mais repetidas nos discursos de Guebuza durante a sua governação, revela que a “unidade nacional e auto-estima” foram usadas com bastante frequência. O futebol pode ter efeitos positivos tanto numa, como noutra. No discurso da sua segunda

⁹⁵ “Os êxitos do nosso desporto terão continuidade com Guebuza: Presidente Chissano falando ontem aos desportistas da capital”, *Notícias*, 28 de novembro, 2004.

⁹⁶ Giulianotii, “O estudo do esporte no continente africano”, 24.

⁹⁷ “Inaugurada “casa de futebol”, *Notícias*, 19 de maio, 2015. <https://www.jornalnoticias.co.mz>, acessado: 15 de novembro, 2020.

investidura como Presidente da República, Guebuza destacou a relevância da auto-estima e unidade nacional, deixando claro que a sua governação girou em torno destes dois pressupostos:

A auto-estima do moçambicano, o seu orgulho pela sua história, cultura e feitos cristalizou-se. [...] o moçambicano aumentou a sua auto-confiança e gerou mais energias que despoletaram as suas natas, mas adormecidas capacidades de realização. A Unidade Nacional consolidou-se ao longo deste quinquénio e mais compatriotas nossos sentiram-se encorajados a inserir-se política, social e economicamente em qualquer espaço do nosso solo pátrio. Com a Unidade Nacional, cresceu o sentido de Pátria, o amor pelos nossos símbolos e valores da moçambicanidade. [...] a “Unidade Nacional é o sangue que corre em todas as artérias da nossa sociedade, levando o oxigénio da esperança e da nossa insofismável vontade de vencer obstáculos. A Unidade Nacional é, sobretudo, o sangue que transporta as imunidades necessárias para que, como um Povo, como uma Nação, não desfaleçamos perante esses obstáculos”⁹⁸.

O futebol é uma actividade que pode ser bem enquadrada neste projecto, por isso procurou-se criar condições que permitissem a missão de unir os moçambicanos. Armando Guebuza foi um presidente com vários discursos sobre o desporto, nos quais sempre destacava a sua importância para unidade nacional e elevação da auto-estima dos moçambicanos. Como se pode verificar no livro “Armando Guebuza: Com acento tónico na Unidade Nacional, auto-estima e paz”, os discursos nele patente colocam o desporto para além das fronteiras desportivas⁹⁹.

Um dos pilares da governação do terceiro Chefe de Estado de Moçambique foi a edificação de grandes infra-estruturas que também serviam para aumentar a popularidade dos programas de governação. No caso do desporto destaca-se a construção do Complexo Desportivo de Zimpeto, que contém o primeiro Estádio Nacional de Futebol edificado no período pós-colonial. Na ocasião

⁹⁸ A. E. Guebuza, “Discurso de S.Exa o Presidente da República por ocasião da sua investidura no dia 14 de janeiro de 2010”. <https://www.portaldogoverno.gov.mz>, acessado: 10 de novembro, 2020.

⁹⁹ Alguns discursos proferidos são: **Jogos Escolares: Cimentando a Unidade Nacional, Cultura de Paz, fraternidade e a solidariedade entre os jovens**; **Jogos Desportivos Escolares: Promovendo o convívio entre Moçambicanos para consolidar a Unidade Nacional**; **Jogos Desportivos Escolares: Evento onde a consciência de Nação se cristaliza**; **Vitórias Desportivas: Factores de consolidação da Unidade Nacional, da auto-estima e da cultura de Paz**. R Matusse, J Malique, J Issufo, *Armando Guebuza: com acento tónico na Unidade Nacional, auto-estima e paz* (Maputo: Gabinete de Imprensa da Presidência da República, 2015).

da inauguração, Guebuza considerou “o desporto como uma actividade preponderante para a elevação do espírito de unidade nacional [...] [afirmando] que a inauguração da infra-estrutura, a maior erguida desde sempre, deixa os moçambicanos com espírito do dever cumprido¹⁰⁰.”

O Complexo Desportivo de Zimpeto foi o principal palco dos X Jogos Africanos de 2011, uma competição que inicialmente havia sido agendada para a Zâmbia, país que desistiu, alegando problemas financeiros. O governo moçambicano aproveitou o momento socioeconómico favorável para realizar um evento desportivo de grande gabarito nacional e internacional¹⁰¹. O alcance desta competição era grande, pois o país tornava-se o epicentro do desporto a nível continental.

Durante a inauguração do Estádio Nacional de Zimpeto, Guebuza reafirmou que “o nosso maior desafio é usar os Jogos Africanos como jogos de reafirmação da moçambicanidade, da auto-estima e da heroicidade desta pátria de heróis”¹⁰². Guebuza era um político perspicaz, com visão clara do que pretendia alcançar em suas acções políticas. O desporto, particularmente futebol fazia parte do seu projecto de orgulho e unidade nacional, auto-estima e desenvolvimento socioeconómico. Esta ideia evidencia-se no discurso que fez para delegação de Moçambique para os Jogos Africanos, onde referiu que Moçambique eram aqueles atletas, continuando com o seu discurso afirmou:

Nós confiamos em vós. Vocês farão vibrar os corações dos mais de 21 milhões de moçambicanos que durante este período estarão com os olhos virados para o vosso desempenho. [...] têm aqui uma oportunidade para fazerem história e para através dos vossos resultados, ficarem associados as honras e glória que estes jogos vão registrar. [...]

¹⁰⁰ “Chefe de Estado moçambicano destaca desporto como factor de unidade”, *Portal Angop*, 24 de abril, 2011. www.portalangop.co.ao, acessado: 4 de maio, 2020.

¹⁰¹ Durante a governação de Armando Guebuza, o produto interno bruto geralmente apresentava uma taxa média próxima dos dois dígitos. Ver alguns dados macroeconómicos de Moçambique em: A. E. Guebuza, *O combate contra a pobreza: concentrando as nossas acções no distrito* (Maputo: Presidência da República de Moçambique, 2009). <https://www.portaldogoverno.gov.mz>, acessado: 11 de dezembro, 2021; A. E. Guebuza, *Unidos, prossigamos com a nossa missão, luta contra a pobreza* (Maputo: Presidência da República de Moçambique, 2007). <https://www.portaldogoverno.gov.mz>, acessado: 11 de dezembro, 2021; A. E. Guebuza, *O combate a pobreza: um desígnio nacional* (Maputo: Presidência da República de Moçambique, 2006). <https://www.portaldogoverno.gov.mz>, acessado: 11 de dezembro, 2021; Moçambique, INE, *Síntese de conjuntura económica* (Maputo: INE, 2013). www.ine.gov.mz, acessado: 15 de outubro, 2021.

¹⁰² “Andemos mais depressa rumo aos Jogos Africanos”, *Notícias*, 26 de abril, 2011.

*este acontecimento também se abre para a confraternização entre os participantes e, sobre o prisma de moçambicanidade, tem o condão de contribuir para a consolidação da unidade nacional e do sentido de pátria entre todos e em cada um dos atletas e técnicos moçambicanos*¹⁰³.

O ano de 2011 foi marcado por vários acontecimentos desportivos com grande significado social. Os representantes políticos sempre procuraram vincar os argumentos relacionados com a unidade nacional, estes foram tão repetidos que se tornava complicado ficar indiferente, percebia-se que a mensagem tinha algum impacto na sociedade que seguramente estavam num período de optimismo. Na abertura do dos X Jogos Desportivos Escolares de 2011, realizados em Maputo, o então Chefe de Estado fez um discurso emotivo sobre aquela competição e seu impacto no país, sob lema “inspirados em Samora Moisés Machel, façamos do desporto um instrumento de consolidação da unidade nacional.” O Presidente da República assinalou:

*O Presidente Samora Moisés Machel era um homem de desporto. Foi ele que, a 7 de janeiro de 1978, precisamente aqui neste Estádio da Machava lançou a primeira edição dos Jogos Desportivos Escolares. Para ele o desporto tinha uma grande contribuição a dar na promoção da unidade nacional, da moçambicanidade e do sentido patriótico. Ele também encarava o desporto como um elemento preponderante na construção de relações sociais mais saudáveis e humanas entre os moçambicanos e no reforço do espírito de solidariedade e como um mecanismo de levar Moçambique para o mundo e o mundo para a nossa pátria amada*¹⁰⁴.

A recorrência aos heróis da luta de libertação nacional é frequente nos discursos de Armando Guebuza, neste caso, a sua elocução alicerça-se num dos heróis com maior popularidade e aceitação na sociedade moçambicana, assinalado a relevância que o desporto sempre teve na construção da unidade nacional.

Desportivamente, o período da governação de Guebuza foi marcado pela realização de diversas competições nacionais e internacionais, bem como a construção e reabilitação de algumas infra-estruturas desportivas. A nível futebolístico, a Seleção Nacional conseguiu se apurar para o

¹⁰³ “Moçambique serão vocês: Presidente desafia atletas a fazerem história”, *Notícias*, 3 de novembro, 2011.

¹⁰⁴ “Cerimónia de abertura do 10º festival nacional dos Jogos Desportivos Escolares: discurso do Presidente Armando Guebuza”, *Verdade*, 23 de julho, 2011. www.verdade.co.mz, acessado: 27 de agosto, 2021.

CAN de 2010, realizado em Angola. Este acontecimento sucedeu-se depois de cerca de 12 anos sem que o combinado nacional se qualificasse para aquela prova. Durante a qualificação, os jogos contra o Quénia, a Nigéria e a Tunísia foram os momentos em que o futebol mais uniu e deu alegrias aos Moçambicanos.

O Estádio da Machava voltou a apresentar enchentes que não se viam há bastante tempo¹⁰⁵, pessoas vinham de todas as partes do país e pernoitavam nos arredores do Estádio. Nos dias dos jogos, os que não conseguiram ter bilhetes, ficavam na parte exterior do Estádio, alguns subiam em árvores e outros em postes de corrente elétrica, colocando em risco a sua integridade física. As pessoas vestiam as cores e símbolos nacionais, os meios de comunicação faziam uma grande cobertura que ajudava a despertar o interesse até dos mais desinteressados. Estava provado que poucas actividades conseguiam mobilizar tamanha manifestação de moçambicanidade e patriotismo como o futebol.

Numa mensagem de encorajamento a Selecção Nacional de Futebol também conhecida por ‘Mambas’ durante a qualificação para o CAN e Mundial de Futebol de 2010, o Presidente de Guebuza referiu que “[...] queremos desejar-vos os maiores sucessos. Formulamos votos para que nos tragam de volta um resultado que mantenha e faça crescer o nosso orgulho de sermos filhos e donos desta pátria de heróis”¹⁰⁶. Numa outra mensagem, Guebuza lembrou aos Mambas que “transportam a bandeira nacional”¹⁰⁷. As duas mensagens presidenciais destacam a relevância social e política de possíveis vitórias do combinado nacional. Presidente Guebuza sempre compreendeu muito bem que o futebol permitia uma mobilização que nenhuma actividade conseguia, nem mesmo a popularizada Marcha da Chama da Unidade ou outros vários festivais realizados a nível nacional.

¹⁰⁵ “A partir da década de 1990, a presença do público nos campos foi reduzindo, principalmente na capital do país e nos jogos entre as equipas moçambicanas. As enchentes no Estádio da Machava passaram a ser visíveis, embora de forma inconsistente, apenas em jogos da selecção principal de futebol. [...] nos jogos do Moçambola realizados nas outras províncias, a queda de assistências é relativamente menos acentuada” (Muthisse, Gaspar, Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015*, p. 177).

¹⁰⁶ “Guebuza encoraja ‘Mambas’”, *Verdade*, 4 de fevereiro, 2010. www.verdade.co.mz, acessado: 4 de maio, 2020.

¹⁰⁷ “Qualificação para o CAN e Mundial de 2010”, *Notícias*, 27 de março, 2009.

A participação de Moçambique no CAN-2010 foi, uma vez mais, desportivamente negativa, pois a Selecção não passou da primeira fase, tendo empatado com o Benin e averbado duas derrotas contra a Nigéria e o Egipto, que foi campeão dessa edição. Todavia, sob ponto de vista sociopolítico foi positivo, particularmente na unidade e auto-estima, palavras extremamente repetidas pelo executivo moçambicano. Durante a prova, os moçambicanos acompanhavam de perto os jogos a partir dos Mídias e vários locais foram preparados para que as pessoas assistissem as partidas em grupos, configurando momentos de confraternização com grande impacto social e político.

A participação de Moçambique na maior competição de futebol a nível de selecções sucedeu-se num momento de optimismo socioeconómico. Guebuza compreendia aquela atmosfera, por isso que os seus discursos incidiam na questão do orgulho e unidade nacional. Aliás, enquanto decorria a preparação de Moçambique para o CAN-2010, o Presidente da República endereçou uma mensagem de encorajamento que vincava a relevância social e política da Selecção Nacional para Moçambique. Em parte da mensagem, o Presidente referiu:

Briosos Mambas, a escassos dias da vossa participação no CAN-2010, o maravilhoso povo moçambicano tem, de novo, os seus olhos para vós virados. Estamos convictos de que, uma vez mais, imbuídos de auto-estima, se farão aos campos para jogarem de igual para igual, [...] sabemos que estão conscientes das responsabilidades que sentem de representar as cores nacionais, por isso aceitaram dar um exemplo de patriotismo, ao abdicarem do convívio familiar, mesmo durante a quadra festiva, para se concentrarem na vossa preparação [...] ¹⁰⁸.

Na mesma ocasião, o então Ministro da Juventude e Desporto optou por um discurso mais contido, mas também realçando que os moçambicanos estariam com a Selecção, Fernando Sumbana referiu que “gostaria, em nome dos adeptos dizer que confiamos muito em vocês, por isso enquanto estiverem a jogar, nos faremos flutuar a onda vermelha e penso que irão sentir que o povo está convosco”¹⁰⁹. Tanto o Presidente da República, assim como o Ministro do pelouro elevam o futebol a uma dimensão bem maior que a meramente desportiva. Guebuza volta a mencionar a auto-estima,

¹⁰⁸ “Guebuza encoraja Mambas”, *Desafio*, 11 de novembro, 2010.

¹⁰⁹ “Guebuza encoraja Mambas”, *Desafio*, 11 de novembro, 2010.

o patriotismo e a importância que uma boa participação teria para o ‘maravilhoso povo moçambicano’, demonstrando que o país ganharia a nível socioeconómico e político.

Neste período, o Campeonato Nacional de Futebol também continuou a desempenhar a sua função social e política, apesar de ser uma prova onerosa para as contas públicas e o seu nível de popularidade apresentar o certo decréscimo, refletido parcialmente na baixa afluência aos estádios nos jogos das equipas moçambicanas. No imaginário do governo, esta prova é um digno símbolo da unidade nacional. Numa determinada ocasião, o então presidente da Liga Moçambicana de Futebol (LMF), Alberto Simango Júnior realçou que:

“A dado momento sentimos que o meio do futebol serviu como um veículo de manifestação de unidade nacional, para além de sustento de muitas famílias que nele se encontram envolvidos. As equipas quando se encontram a jogar em qualquer ponto do país manifestam a auto-estima e orgulho da nossa própria moçambicanidade. As pessoas quando jogam sem olhar para as regiões ou zonas a que pertencem fazem-no para um Moçambique unido. Isso é um grande orgulho para nós¹¹⁰.”

Esta ideia também é referida algumas vezes por Guebuza. Quando a Seleção se qualificou para o CAN-Interno, prova que participam jogadores que militam internamente e excepcionalmente um número reduzido de atletas que jogam no estrangeiro. Em suas palavras, Guebuza referiu que:

A presença da nossa Selecção Nacional de Futebol, os “Mambas”, é, indubitavelmente, reflexo da competitividade que caracteriza o Campeonato Nacional, o Moçambola, uma das maiores montras do nosso futebol, esteio da nossa unidade e moçambicanidade. Pelo mérito da conquista da sua própria participação no CAN Interno, saudamos os atletas, treinadores, pessoal médico e dirigentes federativos que corporizam os “Mambas” e o maravilhoso Povo Moçambicano que acreditou e deu força a esta equipa de todos nós para lutar sempre, para se auto-superar no seu empenho e desempenho. Saudamos ainda o espírito competitivo e de trabalho em equipa que está por detrás dos resultados que elevam o nome de Moçambique no futebol africano e de que todos nos orgulhamos. Fomos todos testemunhas das qualidades dos nossos “Mambas”, sobretudo durante a fase de apuramento, através da sua prestação auspiciosa; da galhardia com que os nossos

¹¹⁰ “Moçambola veículo da unidade nacional”, 27 de janeiro, 2011. <https://cedid.blogs.sapo.mz>, acessado: 11 de novembro, 2020.

*jogadores lutaram, jogo a jogo; e do sentido de Pátria e de missão em que se inspiraram e com os quais brindaram a Nação Moçambicana através da sua qualificação*¹¹¹.

De realçar que Moçambique se qualifica para o CAN-Interno numa altura em que se celebrava a Semana Nacional do Desporto. Discursando neste evento, o Ministro da Juventude e Desporto, Fernando Sumbana, venceu que se tratava de “uma oportunidade para que os desportistas nacionais fizessem uma reflexão séria e objectiva sobre o contributo que prestam no processo de desenvolvimento do desporto no país, para que seja realmente um verdadeiro veículo para a promoção de uma sociedade onde o mesmo [...] é verdadeiramente um instrumento de promoção da unidade nacional e da cultura de paz”¹¹². Sobre a qualificação, Sumbana referiu que a mesma tinha o sublime mérito de unir os moçambicanos à sua volta e elevar ainda mais a sua auto-estima¹¹³.

O mandato de Guebuza teve muitos acontecimentos futebolísticos que permitiram o seu aproveitamento para a gestão social e política. Este contexto foi facilitado pelas boas perspectivas económicas devido a descoberta e início de exploração de alguns recursos minerais¹¹⁴. A estratégia de governação de priorizar a construção de grandes infra-estruturas¹¹⁵, a emergência de uma classe média nos parâmetros moçambicanos, um clima político-militar estável até ao ressurgimento das confrontações militares entre as forças governamentais e da Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) em 2013 tinha um impacto positivo na sociedade moçambicana. Estes pontos aliados a incidência de discursos sobre a unidade nacional e auto-estima permitiram que os bons resultados futebolísticos fossem instrumentalizados. Por isso até ao último momento da sua governação, quando o Presidente foi homenageado pelos desportistas pelos feitos da sua governação, ele

¹¹¹ “PR encoraja a selecção nacional de futebol”, *Notícias*, 9 de janeiro, 2014. www.jornalnoticias.com.mz, acessado: 2 de maio, 2020.

¹¹² “Desporto é um instrumento de unidade nacional e da paz, segundo Sumbana”, *Notícias*, 17 de setembro, 2013. www.jornalnoticias.com.mz, acessado: 4 de maio, 2020.

¹¹³ “Desporto é um instrumento de unidade nacional e da paz, segundo Sumbana”, *Notícias*, 17 de setembro, 2013.

¹¹⁴ Moçambique, INE, “Quadros do produto interno bruto de Moçambique, 2007-2017”. www.ine.gov.mz, acessado: 15 de outubro, 2021.

¹¹⁵ E. Armas, “Infraestruturas e investimento público”. In *Moçambique em ascensão: construir um novo dia*, coord. D. Ross, (Washington, DC.: Fundo Monetário Internacional, 2014), 41-55.

demonstrou o seu orgulho e classificou os atletas como “promotores da unidade nacional, da auto-estima e da cultura de trabalho”¹¹⁶.

Depois de dois mandatos do Presidente Guebuza, em 2015 começou um novo ciclo de governação liderado pelo Presidente Filipe Jacinto Nyusi. O início da sua governação coincidiu com um contexto socioeconómico e político-militar adverso. Em diversas ocasiões, o Presidente assinalou essa conjuntura para justificar as dificuldades para implementar o seu projecto político. A nível económico, o país perdeu o financiamento directo ao Orçamento Geral do Estado (OGE) devido ao escândalo das dívidas ocultas ou dívidas não declaradas, enquanto politicamente e militarmente registrou-se uma tensão pós-eleitoral que fez ressurgir os ataques militares da Renamo principalmente na região centro. No mesmo período, em algumas regiões do norte, particularmente em Cabo Delegado, se verificaram ataques terroristas atribuídos a um grupo islâmico localmente chamado de *Al-Shabaab*¹¹⁷. Esta conjuntura teve/tem efeitos negativos no processo da construção da nação e auto-estima dos moçambicanos, afectando todas as áreas, inclusive o futebol.

Neste contexto, o governo compreendeu que o futebol seria um instrumento ainda mais importante para diminuir estas tensões e manter o mesmo imaginário de nação para Moçambique. A nível da Selecção Nacional de Futebol, os resultados foram francamente maus, não tendo conseguido qualificar para nenhuma competição internacional. Mesmo assim, o Presidente Nyusi também seguiu a mesma direcção dos seus antecessores, apoiando abertamente o futebol e procurando beneficiar-se dos seus significados sociopolíticos. Nyusi tem acompanhado de forma interessada as preparações e os jogos da Selecção Nacional de Futebol. Antes de um importante jogo de qualificação ao CAN-Interno, contra o Madagáscar em julho de 2017, o Presidente foi assistir a última sessão de treinos da Selecção Nacional para dar força aos jogadores e corpo técnico. Nyusi referiu que “gostaria de convidar a todos moçambicanos disponíveis para estarem com a equipa neste domingo. Quando é jogo da Selecção não há distinção de religião, não há pessoa de outra

¹¹⁶ “Presidente Guebuza na sua homenagem: desportistas promotores da unidade nacional”, *Notícias*, 27 outubro, 2014. www.jornalnoticias.com.mz, acessado: 4 de maio, 2020.

¹¹⁷ B. Weimer, J. Carilho, *A economia política da descentralização em Moçambique: dinâmicas, efeitos, desafios* (Maputo: IESE, 2017); B. Weimer, *Vampiros, Jihadistas e violência estrutural em Moçambique: reflexões sobre manifestações violentas de descontentamento local e suas implicações para a construção da paz* (Maputo: IESE, 2020).

província, de outra raça, nem há pessoa de outro partido político, é toda gente junta. Essa é a maneira que encontramos para nos reencontramos”¹¹⁸.

As declarações de Nyusi têm um profundo significado social e político, demonstrando que o futebol é muito mais que um simples jogo. Nyusi, tendo a noção das diversas diferenças políticas, sociais, religiosas, étnicas e até raciais, coloca o futebol como um dos poucos elementos com a capacidade de forjar a ideia de irmandade e unidade nacional, por isso compreende que o futebol é uma forma (política e social) que encontramos para reencontrarmo-nos.

Por outro lado, dada às dificuldades económicas, o Campeonato Nacional de Futebol tornou-se cada vez mais insustentável, fazendo com que as associações começassem a estudar paradigmas alternativos. O modelo utilizado desde a viragem do século é o “todos contra todos em duas voltas”, porque na opinião dos dirigentes políticos representa verdadeiramente a unidade nacional, contudo, a crise económica fez com que a prova se tornasse cada vez mais insustentável, pois verificava-se pouca disponibilidade financeira dos patrocinadores privados, obrigando um esforço suplementar do governo para manter o Moçambola naqueles moldes. A insistência num modelo economicamente inviável acabou propiciando a interrupção do Campeonato Nacional de Futebol em Abril de 2018, pois segundo o Presidente da LMF, “as Linhas Aéreas de Moçambique (LAM) manifestaram indisponibilidade para continuar a transportar as delegações sem o correspondente pagamento imediato e, por isso, teremos de interromper o campeonato”¹¹⁹.

As incertezas sobre a continuação do Moçambola levantaram um grande debate com opiniões divergentes. A nível do Poder político a substituição do modelo “todos contra todos” estava fora de cogitação pois poderia “enfraquecer a ideia unidade nacional”. A imprensa também continuou com essa propaganda que visava fazer acreditar as pessoas, particularmente desportistas que um modelo regional seria um retrocesso na qualidade da competição e na sua função de unir os moçambicanos. Num dos artigos de opinião, intitulado “o futebol da divisão nacional”, o jornalista desportivo Mavota criticou a possibilidade de um campeonato regional, argumentando

¹¹⁸ “Presidente da República dá força aos Mambas”, *Domingo*, 23 de julho, 2017.

¹¹⁹ “Liga Moçambicana interrompe campeonato por falta de verba para voos das equipas: 'Moçambola' vai estar parado depois da sexta jornada por tempo indeterminado”, 13 de abril, 2018. <https://desporto.sapo.pt>, acessado: 15 de novembro, 2020.

que o futebol bateu muito fundo, pois se o sul tiver o seu campeonato e outras regiões o seu Moçambola seria gravíssimo, um cenário que esquarteraria a festa do futebol nacional, tirando a unidade nacional dos moçambicanos, bem como a competitividade da prova¹²⁰. Neste contexto, o Presidente da República teve que intervir directamente para que o campeonato pudesse continuar nos moldes previamente estabelecidos. Num comício popular, Nyusi defendeu que:

“Moçambola já não é uma actividade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, de uma liga ou de uma direcção. Moçambola é uma actividade do povo moçambicano, pertence ao povo. Quero tentar fazer que haja uma solução com os desportistas de Moçambique, que por ser do povo e como não queremos interromper as aspirações do povo, vamos fazer esforço para ajudar para que este Moçambola possa chegar ao fim. Vamos tentar mobilizar os apoios e recursos e nesta nossa prontidão também queremos aconselhar os que dirigem o desporto, o apoio da Federação Moçambicana de Futebol para poder, nas próximas etapas, serem rigorosos naquilo que dizem e encontrar melhor figurino que não interrompa a aspirações e os planos dos clubes ou mesmo da população, que está formatada para assistir, participar no desporto de uma ou da outra forma [sic]”¹²¹.

Este esforço mostra a grande importância que o futebol tem no projecto de unidade nacional dos governantes de Moçambique, que em alguns casos, até colocam em causa a sustentabilidade de empresas públicas para servir esse objectivo. Naquele caso, as LAM encontravam-se num período de reestruturação económica, pois a Companhia aérea nacional se encontrava em falência técnica. Mesmo assim, teve que continuar a transportar as comitivas desportivas sem que a LMF fizesse o pagamento correspondente. Na altura, o jornalista Adérito Caldeira referiu que o Presidente Nyusi teve que redireccionar verbas do Ministério da Terra e Desenvolvimento Rural para pagar as contas da LMF, de modo a evitar que o Moçambola fosse interrompido¹²².

¹²⁰ A Mavota, “O futebol da divisão nacional”. 8 de março, 2019. www.jornalvisaomoz.com, acessado: 4 de maio, 2020.

¹²¹ “O Presidente da República, Filipe Nyusi, garante que o Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola 2018, não vai sofrer interrupção”. *Rádio Moçambique*, 30 de abril, 2018. <https://www.rm.co.mz>, acessado: 10 de novembro, 2020.

¹²² A Caldeira, “PR Nyusi impõe Moçambola a Moçambique onde faltam escolas, professores, medicamentos, médicos, comida... é a política da cerveja e futebol”, 30 de abril, 2018. www.verdade.co.mz, acessado: 4 de maio, 2020.

Este esforço permitiu que Campeonato Nacional de Futebol de 2018 continuasse nos moldes inicialmente propostos. No fim da época, houve um grande debate sobre o modelo de campeonato a ser implementado, o principal objectivo era tornar a prova mais sustentável. Neste sentido, os responsáveis da LMF compreendiam que o modelo regional era o mais adequado para a época de 2019, contudo, o governo moçambicano não concordava com um modelo que pudesse “dividir” o país.

O Presidente Nyusi começou a mobilizar os fundos pessoalmente. Como reconheceu o Presidente da LMF, a intervenção do Chefe de Estado foi crucial e fundamental para a viabilização do Moçambola 2019 no modelo clássico “todos contra todos”. Para Ananias Couana, Nyusi foi fundamental na aproximação entre a LMF e diversos parceiros públicos e privados. Quanto ao transporte aéreo que se afigurava como o principal entrave, referiu que o Chefe de Estado garantiu a movimentação das equipas por esta via¹²³, ou seja, mesmo sem a LMF dispor de dinheiro para pagar as deslocações das equipas, as LAM assegurariam as movimentações das equipas, um acto deliberado de má gestão que apenas pode se explicar pela importância que os governantes dão a esta prova no processo da unidade nacional.

Olhando para a configuração geográfica e extensão territorial de Moçambique, um modelo de Moçambola regional seria o mais ajustado. Caldeira compreende que o “Moçambola, ao contrário do que recomendam os manuais de desenvolvimento global, é um símbolo de macrocefalia, sob todos ângulos que se queira analisar”, destacando que “mais de 80% [despesas] são suportados por empresas públicas, que vivem dos impostos dos cidadãos”¹²⁴. Esta situação apenas se justifica pela percepção do Poder político de que o Campeonato Nacional de Futebol no modelo “todos contra todos” representa a unidade nacional. A construção e fortalecimento das identidades nacionais continua sendo uma temática controversa e encarada com certa cautela e desconfiança pelos políticos africanos, por isso em muitos casos apresentam posicionamentos

¹²³ “Intervenção do Chefe de Estado viabiliza Moçambola”, 14 de abril, 2019. www.ligamocambique.org.mz, acessado: 5 de maio, 2020.

¹²⁴ R. Caldeira, *Na área do rigor* (Maputo: O Matolense, 2016), p. 63.

excessivamente conservadores e reguladores quando tratam assuntos relacionados com a etnicidade, diferenças sociais, económicas, políticas, linguísticas e as assimetrias regionais.

Num dos seus actos públicos, durante a inauguração a fábrica de cerveja da Heineken, o Presidente Nyusi referiu que “no que tange a responsabilidade social, [...] introduzi um tema aqui a família Heineken, agora na mesa, e também aos gestores, que todo o povo moçambicano clama por um campeonato nacional onde as 16 equipas, ou 14, jogam umas contra as outras, que tal ser o patrono, a Heineken viabilizando este projecto”¹²⁵.

No mesmo artigo de opinião, Caldeira crítica a marginalização de outras modalidades que custam menos e dão mais alegrias, bem como a falta de políticas sociais relevantes que as pessoas tanto clamam¹²⁶. Noutro artigo, Caldeira utiliza os dados de resultados desportivos referidos no discurso de Estado da Nação de Filipe Nyusi em 2019 para defender que o Presidente admitiu que embora tenha investido biliões de meticais no futebol, os resultados desportivos vieram de modalidades não consideradas prioritárias¹²⁷. O investimento no futebol, mesmo não apresentado resultados desportivos positivos demonstra que é uma actividade central na estratégia de unidade nacional dos diferentes governos de Moçambique estabelecidos desde a independência nacional. O futebol não pode ser analisado de forma estritamente desportiva, apenas como actividade de lazer e bem-estar, pois é recorrentemente e abertamente utilizado para a gestão social e política do país.

4.1. Futebol, clubes e unidade nacional em Moçambique, 1990-2019

A década de 1990 é marcada por diversas transformações que afectaram a utilização do futebol no processo de idealização de Moçambique. Numa conjuntura de liberalização económica, a transferência de atletas tornou-se mais frequente, assim sendo, os clubes passaram a apresentar maior diversidade. O desenvolvimento, a globalização, a mercantilização e o crescimento do

¹²⁵ A Caldeira, “Nyusi aposta na política da cerveja e futebol para novo mandato”, *Verdade*, 14 de março, 2019. www.verdade.co.mz, acessado: 4 de maio, 2020.

¹²⁶ A Caldeira, “Nyusi aposta na política da cerveja e futebol para novo mandato”, *Verdade*, 14 de março, 2019. www.verdade.co.mz, acessado: 4 de maio, 2020.

¹²⁷ A Caldeira, “Nyusi admite que embora tenha investido no futebol, resultados vieram das modalidades não prioritárias”, 2 de agosto, 2019. www.verdade.co.mz. Acessado em: 4 maio, 2020.

negócio de futebol têm permitido uma mobilidade constante dos atletas. Os jogadores de futebol têm a oportunidade de representar vários clubes de várias regiões de Moçambique, por isso acabam estando em contacto permanente com pessoas de grupos etno-linguísticos diferentes.

A nível dos clubes, o futebol segue tendo um grande alcance na construção de identidades nacionais. Neste período de democratização multipartidária, as assimetrias no futebol continuaram, uma situação que cria um certo descontentamento e desconforto de certas regiões do país. Nota-se que em 30 temporadas (1990-2019) de Campeonato Nacional, os clubes que não pertencem a Maputo, apenas ganharam 4 edições. Estes números mostram as diferenças existentes no futebol nacional.

De todas as formas, tem existido um desenvolvimento notável de alguns clubes de outras províncias, pois têm apresentado maior pujança financeira, contratando os melhores técnicos e atletas do país, inclusive recorrendo aos plantéis dos principais clubes de Maputo. A União Desportiva de Songo é um exemplo, visto que o apoio financeiro da empresa pública Hidroeléctrica de Cahora Bassa (HCB) e o seu projecto desportivo tem possibilitado alguns sucessos desportivos. Dos 4 títulos nacionais conquistados pelas equipas não pertencentes a Maputo, 3 foram conquistados a partir de 2016, tendo a União Desportiva de Songo vencido 2 títulos e o Clube Ferroviário da Beira conquistado 1 campeonato. Estes resultados têm um impacto importante para o projecto de nação, os gestores políticos apresentam como prova da diminuição das assimetrias e os adeptos geralmente corroboram com esta posição.

A participação do país nas competições africanas também continua a representar um ponto relevante. Em 1990, o Grupo Desportivo de Maputo teve uma das melhores participações dos clubes moçambicanos em competições africanas, tendo chegado as meias-finais da prova. Na altura, o Presidente Chissano elogiou bastante a participação, realçando a importância sociopolítica daquela gloriosa prestação¹²⁸. Outros clubes moçambicanos tiveram alguns resultados interessantes e de grande significado sociopolítico, destacam-se a prestação do Clube Ferroviário de Maputo em 1995, no mesmo ano, o Clube Desportos da Maxaquene atingiu as meias finais, assim como o

¹²⁸ “No Cairo, vocês agiram como embaixadores: Presidente Chissano ao dirigir-se ontem a delegação moçambicana dos Jogos Pan-africanos”, *Domingo*, 06 de outubro, 1991.

Clube Desporto do Costa do Sol que, em 2002 chegou a fase de grupos da Liga dos Campeões Africanos.¹²⁹

Depois de algumas boas prestações na década de 1990 e uma nos princípios do novo milénio, Moçambique ficou mais de uma década sem resultados satisfatórios a nível continental. A mudança aconteceu em 2017, quando o Clube Ferroviário da Beira alcançou as quartas-de-final da prova. Ainda durante a qualificação, o Presidente Nyusi felicitou a equipa da Beira, assinalando que se tratava de:

Um acontecimento que nos deixa [sic] orgulhosos e esperançados para os próximos embates. Assim, pela vitória conseguida, o Ferroviário da Beira elevou o nome do nosso país para o nicho dos melhores clubes africanos, fazendo com que os moçambicanos se sintam orgulhosos da sua equipa. Esta vitória demonstra que unidos, os moçambicanos têm capacidade de construir vitórias e atingir espaços inimagináveis no seio de países¹³⁰.

As declarações de Nyusi procuravam sublinhar o orgulho nacional, assim como a necessidade da unidade para alcançar resultados positivos, desta forma, a partir desta modalidade desportiva estabelece-se uma ligação com a sociedade. Portanto, o futebol em Moçambique é seguramente um dos fenómenos sociais mais relevantes e com poder de mobilização ímpar, por isso que os gestores políticos geralmente se aproveitam desta realidade para viabilizar os seus projectos sociais e políticos.

¹²⁹ Muthisse, Gaspar, Machava, *Contribuição para o estudo da história do desporto de Moçambique, 1975-2015*.

¹³⁰ Presidente Nyusi felicita Ferroviário da Beira pela qualificação a segunda eliminatória, *Magazine Independente*, 20 de fevereiro, 2017. <https://magazineindependente.com>, acessado: 17 de novembro, 2021.

Cap. V. Considerações finais

A relevância e popularidade do futebol no mundo moderno é indiscutível, por isso, a sua função extravasa as barreiras desportivas, posicionando-se como uma factor extremamente importante na construção e fortalecimento das identidades nacionais. A partir do estudo de caso de Moçambique, esta dissertação procurou mostrar que desde a proclamação da independência nacional em 1975, o governo de Moçambique liderado pela Frelimo tem se aproveitado da grande popularidade do futebol para alimentar o projecto de unidade nacional, fazendo com que esta modalidade esteja intimamente relacionada com o projecto de edificação de um país moderno e homogéneo. Numa sociedade caracterizada por uma grande variedade étnica, cultural, linguística e divergências políticas, o futebol tem servido de factor aglutinador.

Todos os governos moçambicanos procuraram se socorrer da actividade desportiva para actos de gestão social, política e promoção particular. Os discursos e medidas políticas implementadas pelos sucessivos governos de Moçambique na área desportiva demonstram que o futebol representa muito mais que uma simples modalidade desportiva, desempenhando uma posição preponderante no campo da construção e fortalecimento da nação. A forma como esta modalidade desportiva impacta no senso de união e auto-estima dos moçambicanos em diversos momentos históricos, prova a sua resiliência e vitalidade. Em muitos contextos em que a expectativa dos moçambicanos em relação ao projecto de nação mostrava-se pessimista, o futebol continuava sendo uma das poucas actividades que mantinha acesa a chama da unidade nacional.

A Seleção Nacional de Futebol, o Campeonato Nacional de Futebol e os clubes nacionais acabam configurando elementos ímpares na coesão nacional. Nesta modalidade, se verificam muitas manifestações de patriotismo, unidade e orgulho nacional. Esta dissertação também reforça o argumento de que o futebol em Moçambique é muito mais que um simples jogo, pois ocupa um lugar de destaque no campo da edificação e consolidação da nação. Assim, a experiência de Moçambique descrita nesta dissertação se enquadra numa realidade global em que se verifica a utilização do futebol para fins políticos e sociais.

Referências

Entrevistas

Mauro Manhanguale com Renato Caldeira, Cidade de Maputo, 15 de outubro, 2020.

Mauro Manhanguale com Renato Caldeira, Cidade de Maputo, 26 de outubro, 2021.

Mauro Manhanguale com João Carlos da Conceição, Cidade de Maputo, 2 de dezembro, 2021.

Livros

Anderson, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origins and spread of nationalism*. London: Verso, 2006.

Bairner, Alan. “Sports Development, Nations and Nationalism”. In *Routledge Handbook of Sports Development*, editado por Barrie Houlihan, Mick Green, 31-41. New York: Taylor & Francis e-Library, 2011.

Brito, Luís de et al. (orgs.). *Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique*. Maputo: IESE, 2009.

Caldeira, Renato. *Na área do rigor*. Maputo: O Matolense, 2016.

Demo, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1981.

Domingos, Nuno. *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. Lisboa: Imprensa de Ciência Sociais, 2012.

Enrique B. Armas, “Infraestruturas e investimento público”. In *Moçambique em ascensão: construir um novo dia*, coordenado por Doris C. Ross, 41-55. Washington, DC.: Fundo Monetário Internacional, 2014.

Giulianotii, Richard “O estudo do esporte no continente africano”. In *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*, organizado por Victor A. de Melo, Marcelo Bittencourt, Augusto Nascimento, 13-36. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Graziano, Alberto, Pedro Pessula, Vicente Tembe. *O passado, o presente e as perspectivas para o desenvolvimento do desporto em Moçambique*. Maputo: CIEDIMA, 2008.

Hedges, David (Coord.). *História de Moçambique, volume 2: Moçambique no auge do colonialismo, 1930-1961*, 2 ed. Maputo: Imprensa Universitária, 1999.

Hobsbawn, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Hobsbawn, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780*. São Paulo: Câmara Brasileira de Livros, 1990.

José, Alexandrino, Paula. M. G. Meneses (eds.). *Moçambique – 16 anos de historiografia: Focos, problemas, metodologias, desafios para a década de 90*. Maputo: Painel Moçambicano, 1991.

Machel, Samora M. *Educar o Homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria: mensagem à 2ª Conferência do Departamento de Educação e Cultura*. Maputo: Colin Darch, Centro de Estudos Africanos, 1978.

Marcum, John. A. *Conceiving Mozambique*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

Muthisse, Luísa C., Napoleão Gaspar, Adérito Machava. *Contribuição para o estudo da história do desporto em Moçambique, 1975-2015*. Maputo: Ministério da Juventude e Desporto, 2015.

Ramos, Santa T. C., Ernan S. Naranjo. *Metodologia de investigação científica*. Lisboa: Escolar Editora, 2014.

Matusse, Renato, Josina Malique, Joharia Issufo. *Armando Guebuza: com acento tónico na Unidade Nacional, auto-estima e paz* (Maputo: Gabinete de Imprensa da Presidência da República, 2015).

República Popular de Moçambique. Ministério da Educação e Cultura. Direcção Nacional de Educação Física e Desportos. *Desporto federado: regulamento geral*. [S.l.: s.n], 1979.

Richardson, Roberto J. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. São Paulo, Atlas, 1999.

UEM, Departamento de História. *História de Moçambique, Volume 2: agressão imperialista (1886/1930)*. Maputo: Tempo, 1983.

UEM, Departamento de História. *História de Moçambique, Volume 1: primeiras sociedades sedentárias e impacto dos mercadores (200/300 - 1886)*, 2 ed. Maputo: Tempo, 1988.

Vidacs, Bea. “O esporte e os estudos africanos”. In *Mais do que um jogo: o esporte e o continente africano*, organizado por Victor A. de Melo, Marcelo Bittencourt, Augusto Nascimento, 37-70. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

Weimer, Bernhard, João Carilho. *A economia política da descentralização em Moçambique: dinâmicas, efeitos, desafios*. Maputo: IESE, 2017.

Weimer, Bernhard. *Vampiros, Jihadistas e violência estrutural em Moçambique: reflexões sobre manifestações violentas de descontentamento local e suas implicações para a construção da paz*. Maputo: IESE, 2020.

Teses e dissertações

Buckel, Bart A. *Nationalism, Mass, Politics and Sport: Cold War Case Studies at Seven Degrees*. Dissertation, MA, Naval Postgraduate School, 2008.

Bogdanov, Dusko. *Influence of National Sport Team Identity on National Identity*. These, PhD, Florida State University, 2011.

Dias, Miguel M.B. *O futebol como agente principal na agregação e desagregação de uma sociedade e como elemento nas relações internacionais*. Dissertação, Mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, 2020.

Moiane, Emília J. *A contribuição da Associação de Futebol Africana (AFA), na luta anticolonial em Moçambique, 1920-1975*. Dissertação, Mestrado, Universidade Eduardo Mondlane, 2018.

Mubai, Marlino E. *Making War on Village and Forest: Southern Mozambique During the Sixteen-year Conflict, 1976-1992*. These, PhD, University of Iowa, 2015.

Pereira, Pedro R.C. *Públicos e identidades culturais no futebol: o Sporting Clube de Espinho*. Dissertação, Mestrado, Universidade do Porto, 2010.

Artigos científicos

Anderson, Connie M., Troy A. Bielert, Ryan P. Jones. “One Country, One Sport, Endless Knowledge: The Anthropological Study of Sports in South Africa”, *Anthropologica* 46, 1 (2004): 47-55.

Armstrong, Gary. “Talking Up the Game: Football and the Reconstruction of Liberia, West Africa”, *Identities: Global Studies in Culture and Power* 9, 4 (2002): 471-494.

Bairner, Alan. “Sport, Nationalism and Globalization: Relevance, Impact, Consequences”, *Hitotsubashi Journal of Arts and Sciences* 49 (2008): 43-53.

Baller, Susan. “Editorial: The Other Game: The Politics of Football in Africa”, *Afrika Spectrum* 41, 3 (2006): 325-330.

Bragança, Aquino de, Jacques Depelchin. “Da idealização da Frelimo à compreensão da história de Moçambique”, *Estudos Moçambicanos* 5/6 (1986): 29-52.

Booth, Douglas. “Sites of Truth or Metaphors of Power? Refiguring the Archive”, *Sport in History* 26, 1 (2006): 91-109.

Carter, Thomas F. “Game Changer: The Role of Sport in Revolution”, *International Journal of the History of Sport* 31, 7 (2014): 735-746.

Charway, Derrick, Barrie Houlihan. “Country Profile of Ghana: Sport, Politics and Nation-Building”, *International Journal of Sport Policy and Politics* (2020): 1-16.

Clarke, Joanne, John S. Ojo. “Sport policy in Cameroon”, *International Journal of Sport Policy and Politics* (2016): 1-12.

Catsam, Derek C. “The Death of Doubt? Sport, Race, and Nationalism in the New South Africa”, *Georgetown Journal of International Affairs* 11, 2 (2010): 7-13.

Castillo, Juan C. “Play Fresh, Play Local: The Case of Athletic de Bilbao”, *Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics* 10, 4 (2007): 680-697.

Chipande, Hikabwa D. “Challenge for the Ball: Elites, Fans and the Control of Football in Zambia’s One-Party State, 1973–1991”, *Journal of Southern African Studies* (2018): 1-13.

Cornelissen, Scarlett, Wolfgang Maennig. “On the Political Economy of ‘Fell [Feel?]-Good’ Effects at Sport Mega-Events: Experiences from FIFA Germany 2006 and Prospects for South Africa 2010”, *Alternation* 17, 2 (2010): 96-120.

Costa, António da S. “Desporto e análise social”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto* 2 (1992): 101-109.

Darby, Paul. “Africa and the ‘World’ Cup: FIFA Politics, Eurocentrism and Resistance”, *International Journal of the History of Sport* 22, 5 (2005): 883-905.

Depetris-Chauvin, Emilio, Ruben Durante. “One Team, One Nation: Football, Ethnic Identity and Conflict in Africa”, *Afro Barometer* 1 (2017): 1-43.

Domingos, Nuno. “As políticas desportivas do Estado Colonial em Moçambique”, *Lusotopie* XVI 2 (2009): 83-104.

Domingos, Nuno. “Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano”, *Análise Social* XLI 179 (2006): 397-416.

Domingos, Nuno. “O futebol português em Moçambique como memória social”, *Cadernos de Estudos Africanos* 9/10 (2006): 1-13.

Föster, Till. “Insurgent Nationalism: Political Imagination and Rupture in Côte d’Ivoire”, *Africa Spectrum* 48, 3 (2013): 3-31.

Höglund, Kristine, e Ralph Sundberg, “Reconciliation through Sports? The Case of South Africa”, *Third World Quarterly* 29, 4 (2008): 805-818.

Hrstc, Ivan, Marko Mustapic. “Sport and politics in Croatia: Athletes as National Icons in History Textbooks”, *Other Modernities* 14 (2015): 148-165.

Martin, Simon. “Football, Fascism and Fandom in Moderny Italy”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* 116 (2018): 111-134.

Medeiros, Eduardo “Etnia e raça no desporto beirense na época colonial. O caso dos ‘sino-moçambicanos”, *Cadernos de Estudos Africanos* 26 (2013): 43-81.

Ndlovu-Gatsheni, Sabelo J. “The World Cup, Vuvuzelas, Flag-Waving Patriots and the Burden of Building South Africa”, *Third World Quarterly* 32, 2 (2011): 279-293.

- Njororai, Wycliffe W.S. “AFC Leopards and Gor Mahia: Footballing Rivalry and Shared Political Underdog Status in Kenya”, *Soccer & Society* (2017): 1-19.
- Njororai, Wycliffe W.S. “Colonial Legacy, Minorities and Association Football in Kenya”, *Soccer & Society* 10, 6 (2009): 866-882.
- Ogunnubi, Olusola. “Soft Power and Currency of Sport: (Re)imagining South Africa’s Rising Hegemony in Africa”, *Global Society* (2019): 1-21.
- Parks, Jenifer. “Promoting Authority Through Sport by States and Societies of Eastern Europe”, *Handbuch der Sportgeschichte Osteuropas* (2017): 1-20.
- Roech, Otto. “Reforma económica em Moçambique: notas sobre a estabilização, formação das classes”, *Arquivo* 11 (1992): 5-32.
- Schler, Lynn, Itamar Dubinsky. “Green Eagle Nation: The Politicization of Sports Journalism in the Post-Independence Nigerian Press”, *African Studies Review* 0, 0 (2020): 1-23.
- Sellstrom, Tor. “T. Beyond the Big Stage: Football, Reconciliation and Social Development in Africa”, *The African Centre for the Constructive Resolution of Disputes* (2010): 32-47.
- Seippel, Ornulf. “Sports and Nationalism in a Globalized World”, *International Journal of Sociology* 47, 1 (2017): 43-61.
- Vidacs, Bea. “Football in Cameroon: A Vehicle for the Expansion and Contraction of Identity”, *Culture, Sport, Society* 2, 3 (1999): 100-117.
- Vidacs, Bea. “Through the Prism of Sports: Why Should Africanists Study Sports?”, *Afrika Spectrum* 41, 3 (2006): 337-344.
- Wuyts, Marc. “Gestão económica e política de reajustamento em Moçambique”, *Estudos Moçambicanos* 8 (1990): 97-124.
- Zenenga, Praise. “Visualizing Politics in African Sport: Political and Cultural Constructions in Zimbabwean Soccer”, *Soccer & Society* 13, 2 (2012): 250-263.